

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – ESTUDOS DA LINGUAGEM

SHANAY FREIRE BERÇOT-RODRIGUES

A REALIZAÇÃO DA FRICATIVA GLOTAL NA FALA  
MANAUARA

MANAUS – AMAZONAS

2014

SHANAY FREIRE BERÇOT-RODRIGUES

A REALIZAÇÃO DA FRICATIVA GLOTAL NA FALA  
MANAUARA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de Concentração:** Estudos da Linguagem.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

MANAUS – AMAZONAS

2014

SHANAY FREIRE BERÇOT-RODRIGUES

A REALIZAÇÃO DA FRICATIVA GLOTAL NA FALA  
MANAUARA

Manaus, 27 de Agosto de 2014.

**Membros da banca de defesa:**

---

Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso  
Orientadora

---

Profa. Dra. Silvana Andrade Martins (UEA)  
Membro

---

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco (UFAM)  
Membro

---

Prof. Dr. Valteir Martins (UEA)  
Suplente

---

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo (UFAM)  
Suplente

Dedico este trabalho à minha família e a todos os professores-mestres que, de alguma forma, contribuíram com a minha caminhada intelectual até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Quero, em primeiro lugar, ser grata a Deus pela vida, pela saúde e por todas as condições de lutar pelos meus objetivos e ser vitoriosa.

Aos meus pais, Geovana e Josemar, por todo o amor, carinho e incentivo. Ao Josemar Junior, que, além de irmão, é um grande amigo e sempre me ensinou a procurar me nivelar pelos melhores, e sempre me influenciou com seu exemplo de estudo e dedicação.

Aos meus dois orientadores, Lajosy Silva e Maria Luiza Cruz-Cardoso, do TCC de graduação e desta dissertação de mestrado, respectivamente. Dois presentes de Deus no meu caminho, excelentes profissionais e orientadores muito dedicados.

À amiga e companheira de mestrado Sandra Botelho pelo incentivo a escolher os estudos da linguagem, por todo o auxílio e suporte, pelo compartilhar de ideias e conhecimento. Sem ela teria sido muito mais difícil.

Aos demais professores das disciplinas do mestrado, Herbert Ferreira, Frantomé Pacheco, Sandra Campos, Raynice Pereira, Sérgio Freire, Sérgio Armstrong (que não ministrou aulas no mestrado, mas me acolheu para o estágio com ele), por me darem as ferramentas necessárias para me desenvolver ao longo do curso.

Às colegas de sala Tatiana Belmonte e Mariana Pedrett pelo exemplo de dedicação durante o curso. A Angélica Castro, secretária do PPGL, por toda a dedicação e boa vontade em auxiliar a todos. Ao professor Esteban Celedón, que esteve nos auxiliando na função de coordenador durante quase todo o tempo.

Aos amigos Sandra Godinho, Juliana Rebelo Ulharuzo, Socorro Dias, Josefa Dias, Hathina Xavier, Monica Garcia, Wanessa Filgueiras, Bruna Thayana, Jonas Marvim, Paulo Victor e D'Artagnan Gurgel pelo incentivo e força e por acreditarem no meu sonho e apostarem na minha capacidade.

À UFAM – Universidade Federal do Amazonas e à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – por todo o apoio para a realização desta pesquisa.

“Em toda pesquisa dialetal existe um *antes*, um *durante*, e um *depois*. Tem-se, pois, a fase de preparação, de execução e de análise. É preciso definir o *antes*, ter coragem para o *durante*, paciência e gosto para o *depois*.”

**Ferreira e Cardoso**, *A Dialectologia no Brasil* (1994, p. 9)

“A responsabilidade do especialista não se esgota nas aulas e nas publicações universitárias, mas abrange todos os problemas da sua especialidade que afetam a vida cultural do país.”

**Eugenio Coseriu**, *Tradição e novidade na ciência da linguagem* (1980, p. 270)

“Como a ciência não chega à verdade, progride sempre, é sempre mutável.”

**José Luiz Fiorin** (org.) *Introdução à linguística II* (2010, p. 8)

## RESUMO

A presente dissertação objetiva investigar, sob a ótica da Dialetologia com seu método Geolinguístico, da Sociolinguística Variacionista e da Fonologia Natural (Stampe, 1973), a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico de substituição das demais consoantes fricativas pela fricativa glotal [h, h̥] na fala manauara. O desenvolvimento do trabalho se deu através de pesquisa bibliográfica e de campo. Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas com 24 informantes, levando-se em consideração, dentre outros critérios de seleção, o gênero (masculino; feminino), a faixa etária (18 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos ou mais) e o nível de escolaridade (até o ensino fundamental; ensino superior, completo ou não) de maneira a verificar a possível influência desses fatores extralinguísticos na escolha das variantes pelos informantes. As entrevistas foram compostas de respostas a um questionário fonético-fonológico (QFF), leitura de frases e leitura de texto. Posteriormente, fez-se a transcrição fonética e análise dos dados coletados. Os resultados mostram que: a) linguisticamente, apenas a consoante [f] não foi substituída na fala de nenhum dos informantes, enquanto todas as outras foram substituídas com maior ou menor frequência, sendo [s] e [ʃ] (em posição concorrente) as mais substituídas; b) extralinguisticamente, o fenômeno ocorreu mais na fala dos homens do que na das mulheres, mais na terceira faixa etária do que na primeira e na segunda, respectivamente, e mais entre os informantes do primeiro nível de escolaridade do que nos do segundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialetologia; Sociolinguística; Fonética; Fonologia; variação; fricativa glotal.

## ABSTRACT

This dissertation aims to investigate, from the perspective of Dialectology in its method Geolinguistic, of Variationist Sociolinguistics and of Natural Phonology (Stampe, 1973), the occurrence of the phonetic-phonological phenomenon of substitution of other fricatives by the glottal fricative [h, ɦ] in the *manauara* speech. This paperwork was developed through literature and field research. In field research, interviews with 24 informants were conducted, taking into account, among other selection criteria, gender (male; female), age group (18-35 years-old; 36-55 years-old; 56 years-old or more) and education (up to primary; higher education, graduated or not) as to verify the possible influence of these extralinguistic factors in the choice of variants by informants. The interviews were composed of responses to a phonetic-phonological questionnaire (PPQ), sentences reading and text reading. Later, the phonetic transcription and analysis of the data collected were conducted. The results show that: a) linguistically, only the consonant [f] was not substituted in the speech of any of the informants, while all the others have been substituted more or less frequently, being [s] and [ʃ] (in concurrent position) the most substituted ones; b) extralinguistically, the phenomenon occurred in more the speech of men than in women, more in the third age group than in the first and second, respectively, and more among the informants of the first level of education than in the second.

**KEYWORDS:** Dialectology; Sociolinguistics; Phonetics; Phonology; Variation; Glottal Fricative.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 – Localização de Manaus no Amazonas (zoom do mapa da Amazônia Legal) .....	19
Figura 2 – Níveis máximos do Rio Negro .....	20
Figura 3 – Enchente de 2009 .....	20
Figura 4 – “Prospecto da Fortaleza do Rio Negro”. João André Schwebel, 1754 .....	21
Figura 5 – Vista da construção do Porto de Manaus, 1900 .....	23
Figura 6 – Porto de Manaus em 2011 .....	23
Figura 7 – Av. Eduardo Ribeiro em 1899 .....	24
Figura 8 – Av. Eduardo Ribeiro em 1906 .....	24
Figura 9 – Av. Eduardo Ribeiro em 2011 .....	24
Figura 10 – Teatro Amazonas em 1898 .....	25
Figura 11 – Teatro Amazonas em 1899 .....	25
Figura 12 – Teatro Amazonas em 2011 .....	25
Figura 13 – Zonas de Manaus .....	27
Figura 14 – Setores e bairros de Manaus .....	29
Figura 15 – Aeroporto Internacional Eduardo Gomes após a reforma .....	31
Figura 16 – Aeroporto Internacional Eduardo Gomes (zoom) .....	31
Figura 17 – Ponte do Rio Negro .....	32
Figura 18 – Vista aérea da Ponte do Rio Negro .....	32
Figura 19 – Boi Manaus .....	33
Figura 20 – Influência da oralidade na escrita de uma criança de seis anos .....	38
Figura 21 – Influência da oralidade na escrita de uma criança de seis anos (zoom) .....	39
Figura 22 – Influência da oralidade na escrita em <i>website</i> na cidade de Manaus .....	40
Figura 23 – Influência da oralidade na escrita em <i>website</i> na cidade de Manaus (zoom) .....	40
Figura 24 – Visão superior do estado da laringe em segmentos vozeados (esquerda) e desvozeados (direita) .....	48
Figura 25 – Movimento de vibração das pregas vocais .....	49
Figura 26 – Corrente de ar durante a produção de sons orais, nasalizados e de consoantes nasais .....	49
Figura 27 – Oscilograma e espectrograma, com alinhamento sonoro, representando a pronúncia de ‘arrastar a porta’ por um informante da cidade de Castelo-ES .....	53

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)**

Gráfico 1 – Colunas de frequência da realização por fricativa .....	66
Gráfico 2 – Frequência da realização por fricativa .....	66
Gráfico 3 – Colunas de frequência da realização por gênero .....	68
Gráfico 4 – Frequência da realização por gênero .....	69
Gráfico 5 – Colunas de frequência da realização por faixa etária .....	70
Gráfico 6 – Frequência da realização por faixa etária .....	70
Gráfico 7 – Colunas de frequência da realização por nível de escolaridade .....	71
Gráfico 8 – Frequência da realização por nível de escolaridade .....	72

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos informantes conforme os principais critérios socioculturais ....	58
Quadro 2 – Códigos de identificação dos informantes .....	64
Quadro 3 – Itens lexicais com exemplo de produção não padrão .....	65
Quadro 4 – Exemplos de produção do fenômeno em palavras extras .....	67

## LISTA DE SÍMBOLOS

/ / fonemas

[ ] fones

### SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

#### CONSOANTES:

[ p ] oclusiva bilabial surda

[ b ] oclusiva bilabial sonora

[ t ] oclusiva alveolar surda

[ d ] oclusiva alveolar sonora

[ k ] oclusiva velar surda

[ g ] oclusiva velar sonora

[ m ] oclusiva nasal bilabial sonora

[ n ] nasal alveolar sonora

[ ɲ ] nasal palatal sonora

[ r ] vibrante alveolar sonora

[ ɾ ] tepe alveolar sonoro

[ ɽ ] tepe retroflexo sonoro

[ f ] fricativa labiodental surda

[ v ] fricativa labiodental sonora

[ s ] fricativa alveolar surda

[ z ] fricativa alveolar sonora

[ ʃ ] fricativa pós alveolar surda

[ ʒ ] fricativa pós alveolar sonora

[ h ] fricativa glotal surda

[ ð ] fricativa glotal sonora

[ l ] lateral alveolar sonora

[ ʎ ] lateral palatal sonora

[ tʃ ] africada pós alveolar surda

[ dʒ ] africada pós alveolar sonora

## VOGAIS:

[ i ] anterior fechada

[ ɪ ] anterior entre [i] e [e]

[ e ] anterior média fechada

[ ɛ ] anterior média aberta

[ u ] posterior fechada

[ ʊ ] posterior entre [u] e [o]

[ o ] posterior média fechada

[ ɔ ] posterior média aberta

[ a ] central aberta

[ ɐ ] central meio aberta (átona)

## SEMIVOGAIS:

[ y ] semivogal anterior

[ w ] semivogal posterior

## DIACRÍTICOS:

[ ` ] antecede a sílaba tônica

[ ~ ] indica nasalização

OBS: Apesar de o IPA (Alfabeto Fonético Internacional) utilizar o símbolo [ j ] para indicar a semivogal anterior, optou-se neste trabalho pela utilização de [ y ]. Os demais símbolos são os mesmo do IPA.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 LOCALIDADE EM ESTUDO: MANAUS-AM</b> .....	18
1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS .....	18
1.2 ASPECTOS HISTÓRICO-ADMINISTRATIVO-ECONÔMICOS .....	21
1.2.1 Da Fortaleza de São José do Rio Negro à Cidade de Manaus .....	21
1.2.2 Economia e Administração da Manaus atual .....	26
1.3 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS .....	29
1.3.1 População .....	29
1.3.2 Saúde .....	30
1.3.3 Educação .....	30
1.3.4 Transporte .....	31
1.3.5 Religião .....	32
1.3.6 Eventos culturais .....	32
1.3.7 Domicílios .....	34
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	35
2.1 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA .....	41
2.2 FONÉTICA E FONOLOGIA .....	46
2.2.1 Fonologia Natural .....	50
2.3 O FENÔMENO EM ESTUDO: A SUBSTITUIÇÃO DAS DEMAIS FRICATIVAS PELA GLOTTAL .....	52
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA</b> .....	56
3.1 INFORMANTES .....	56
3.2 COLETA DE DADOS .....	58
3.2.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF) .....	60
3.2.2 Lista de frases e texto .....	61
3.2.3 Manuseio e transcrição dos dados .....	62
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	63

4.1 RESULTADO GERAL .....	64
4.2 VARIAÇÃO POR GÊNERO .....	67
4.3 VARIAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA .....	69
4.4 VARIAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE .....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>76</b>

## INTRODUÇÃO

Os estudos da linguagem, apesar de datarem de épocas muito antigas da humanidade, vêm se desenvolvendo de maneira mais organizada e atenciosa desde o século XIX, com suas diversas correntes teóricas. Destaca-se aqui brevemente a principal diferença entre duas de suas áreas: A Sociolinguística, que relaciona a variação linguística aos diferentes aspectos sociais, tais como nível de escolaridade, gênero, faixa etária, profissão, nível de renda, entre outros, e a Dialetoлогия, que se ocupa especialmente da elaboração de mapas linguísticos que apresentam as variações em diferentes comunidades demarcadas geograficamente. Ambas caminham lado a lado complementando-se e, por vezes, fundindo-se em diversos trabalhos que têm sido publicados ao longo dos anos.

Com seu ingresso relativamente recente em tais áreas de estudo, o Brasil, país de extensão territorial continental, ainda está caminhando a pequenos passos na pesquisa dialetológica devido a inúmeras limitações de cunho principalmente social/financeiro, em especial nas regiões politicamente menos centrais como a região Norte. Nesta, situa-se o estado do Amazonas, que abrange um território de aproximadamente 1.559.161,682 km<sup>2</sup> subdividido em 62 municípios e constitui a maior unidade federativa do país. O estado vem sendo mapeado linguisticamente com a realização de trabalhos monográficos em nível de mestrado e doutorado, e obteve um grande avanço a partir da elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, por Cruz (2004). A partir de 2004, tem-se a apresentação de alguns trabalhos na área da Dialetoлогия. Pode-se citar aqui Campos (2009) com sua tese de doutorado sobre as vogais posteriores em sílaba tônica no município de Borba; Brito (2010) com o Atlas Linguístico do Baixo Amazonas – AFBAM; Maia (2012) com a dissertação de mestrado a respeito do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá; Justiniano (2012), também com a dissertação de mestrado, desenvolvendo o Atlas Linguístico dos Falares do Alto Amazonas - ALFARIN e Quara (2012) com a dissertação de mestrado a respeito das vogais médias pretônicas no falar de Manaus.

Valendo-se do método geolinguístico, o presente trabalho fez um recorte no estado e focou seu interesse na zona urbana da capital administrativa, Manaus, com uma área geográfica de aproximadamente 11.401 km<sup>2</sup>, onde se concentra mais de 50% da população do Amazonas (1.802.525 habitantes em um total de 3.480.937 em todo o estado).

Reconhecidamente heterogêneas, todas as línguas são compostas de variações nos diversos níveis linguísticos. Partindo-se deste princípio, o estudo aqui proposto tem como tema a variação linguística e objetiva contribuir com o conhecimento linguístico do

Amazonas e, conseqüentemente, do Brasil. Especificamente, objetiva investigar a ocorrência de uma variante fonético-fonológica considerada não padrão no Português Brasileiro observada na fala manauara: a substituição de determinadas consoantes fricativas pela fricativa glotal [h, h̥]. Pode-se ver exemplos em palavras como *mesmo* [ˈmɛɦmɔ], *leste* [ˈlɛɦtɕi], *jeito* [ˈɦɛyto] e *vai* [ˈɦai].

Dentro desse objetivo, pretendeu-se primeiramente identificar os fonemas envolvidos no fenômeno em questão, bem como a frequência em que ele ocorre. Em segundo lugar, detectar se há ou não, na ocorrência da substituição, variação diastrática de faixa etária, e/ou de nível de escolaridade e/ou diagenérica. Para tanto, o grupo de informantes selecionados constituiu-se de 24 falantes, sendo 12 homens e 12 mulheres manauaras filhos de pai e mãe também manauaras e de nível de escolaridade até o 9º ano (antiga 8ª série) do ensino fundamental e superior distribuídos entre três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos ou mais. Outros critérios para a seleção dos informantes foram que eles não tivessem se ausentado da localidade por mais de 1/3 da vida, não apresentassem falhas nas condições de fonação e não tivessem (atual ou anteriormente) cônjuges provenientes de outras localidades. Os dados foram coletados através de um questionário fonético-fonológico com 30 expressões previamente selecionadas, conversações livres semidirigidas e a leitura de frases e de um texto contendo as mesmas expressões.

Esta dissertação divide-se em quatro capítulos os quais tratam de: (1) apresentação de dados a respeito da região pesquisada (aspectos geográficos, histórico-administrativo-econômicos e socioculturais); (2) quadro teórico de embasamento da pesquisa; (3) fundamentação metodológica utilizada (seleção de informantes, coleta de dados, questionário e conversação livre, transcrição e manuseio de dados); e (4) análise dos resultados. Em seguida, foram apresentadas as considerações finais, referências bibliográficas, apêndices e anexos.

Espera-se que esta pesquisa venha a contribuir para o enriquecimento do campo de estudos linguísticos do Amazonas e, especificamente, de Manaus através do registro e análise aqui apresentados desta característica que parece ser marcante no falar manauara.

## **1 LOCALIDADE EM ESTUDO: MANAUS-AM**

O primeiro capítulo da presente dissertação dedica-se à apresentação da localidade investigada. Para tal, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a cidade de Manaus-AM a fim de trazer dados de cunho geográfico, histórico, administrativo, econômico, social e cultural. Os principais órgãos públicos que serviram de fonte para o levantamento destes dados foram: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Prefeitura de Manaus, Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB), Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN) e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

### **1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS**

Localizado na região norte do Brasil e abrangendo uma significativa parte da floresta amazônica, o estado do Amazonas é o maior do país em termos de extensão territorial, com 1.559.159,148 km<sup>2</sup>, segundo o IBGE (2010). Aproximadamente 0,73% do estado é ocupado por sua capital, a cidade de Manaus, que conta com um território de 11.401,092 km<sup>2</sup> (Idem) e constitui-se o foco desta pesquisa.

A cidade encontra-se à margem direita do Rio Negro em sua confluência com o Rio Solimões, formando o rio Amazonas. Segundo o *Anuário estatístico do Brasil* pelo IBGE (2011), tem latitude -03°06'07", longitude -60°01'30" e altitude 92,9m. Dista da atual capital brasileira, a cidade de Brasília, 1.931,5km em linha reta e 3.490,0km em linhas rodoviárias. Com relação à antiga capital do país, o Rio de Janeiro, a distância aproxima-se do dobro, sendo de 2.850,8km em linha reta.

**Figura 1** – Localização de Manaus no Amazonas (zoom do mapa da Amazônia legal).



Fonte: IBGE (2010).

Manaus faz fronteira com os municípios de Presidente Figueiredo (norte), Itacoatiara e Rio Preto da Eva (leste), Iranduba e Careiro da Várzea (sul) e Novo Airão (oeste). Ela pertence à chamada RMM – Região Metropolitana de Manaus – instituída “por meio da Lei Complementar Estadual n. 52, de 30 de maio de 2007, juntamente com mais 07 municípios: Iranduba, Careiro da Várzea, Rio Preto da Eva, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Itacoatiara.” (QUARA, 2012, p. 25).

O relevo de Manaus é marcado por planícies, baixos planaltos e terras firmes. A vegetação é densa e tem relativamente poucas espécies com flores coloridas. As árvores da floresta Amazônica se encontram mais nas áreas rurais do município, mas podem também ser encontradas nos parques da área urbana. Algumas das árvores mais conhecidas por suas propriedades medicinais são a Samaúma, a Copaíba e a Andiroba. Há, ainda, inúmeras espécies de peixes, pássaros, anfíbios e insetos, bem como alguns répteis e mamíferos. Dois animais bastante característicos da região, o boto rosa e o peixe-boi, habitam áreas sem muita movimentação e são também encontrados em reservatórios como o do INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

Por causa da proximidade com a floresta, a umidade relativa do ar é uma das mais altas do Brasil, com médias mensais entre 76 e 89%. Devido, especialmente, à proximidade

da linha do Equador e à grande incidência dos raios solares, a cidade apresenta tendência a temperaturas bastante altas. Não tendo as quatro estações bem definidas, a região apresenta um período mais seco, principalmente nos meses de agosto e setembro, e um período mais chuvoso, principalmente nos meses de fevereiro e março. A maior cheia já registrada ocorreu no ano de 2009.

**Figura 2** – Níveis máximos do Rio Negro.



Fonte: Pereira (2011, p. 50).

**Figura 3** – Enchente de 2009.



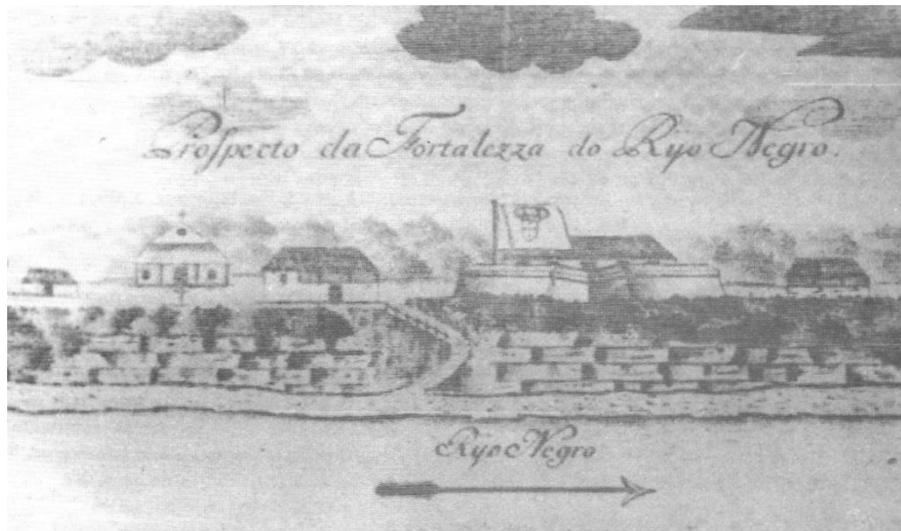
Fonte: Pereira (2011, p. 139).

## 1.2 ASPECTOS HISTÓRICO-ADMINISTRATIVO-ECONOMICOS

### 1.2.1 Da Fortaleza de São José do Rio Negro à Cidade de Manaus

O território que hoje conhecemos como Amazônia era de domínio dos espanhóis desde 1494 conforme o Tratado de Tordesilhas (LINS, 2001, p. 41) e foi disputado posteriormente pelos ingleses e holandeses. Os portugueses só ocuparam a região no século XVII. Em 1669, foi criada a Fortaleza de São José do Rio Negro, que funcionava como proteção das bocainas do Rio Negro contra os ataques holandeses, ao norte, e espanhóis a oeste. Após a construção do forte, formou-se ao seu redor o que ficou popularmente conhecido como Lugar da Barra do Rio Negro (hoje, Manaus). “Índios Barés, Baniuas e Passés, a que se juntaram, posteriormente, os Manáo, constituíram com a soldadesca da guarnição, o núcleo demográfico inicial do centro urbano esparso, sem traçado prévio estabelecido um tanto a deus-dará.” (REIS, 2001, p. 59).

**Figura 4** – “Prospecto da Fortaleza do Rio Negro”. João André Schwebel, 1754.



Fonte: Acervo Biblioteca Nacional *apud* Garcia (2005, p. 57).

Em 1755, a Carta Régia de D. José I criou a Capitania de São José do Rio Negro, desanexando-a oficialmente da Capitania do Grão-Pará. Carvalho (2001) confirma: “Em 3 de março de 1755, a região amazonense foi desanexada do governo do Pará e recebeu a denominação de Capitania de São José do Rio Negro.” (p. 51). Aconteceu que, em 7 de maio de 1758, “contrariando dispositivos da Carta Régia (...) Mendonça Furtado instalou a Capitania de São José do Rio Negro em Mariuá, por ele elevada a vila na véspera, com o nome português de Barcelos.” (GARCIA, 2005, p. 100). Pelo decreto régio de 26 de agosto de

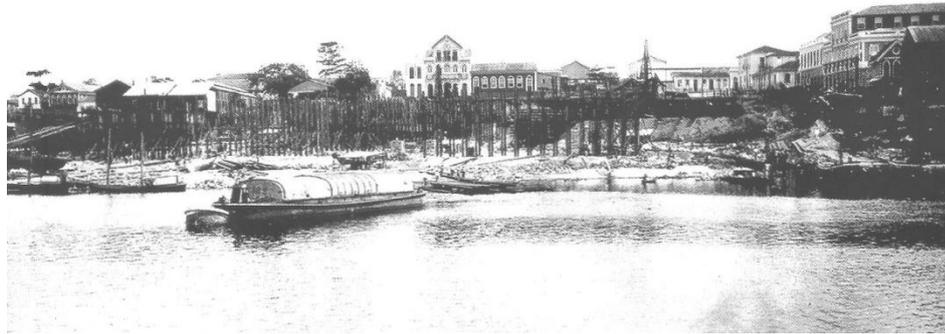
1786, o engenheiro militar Manoel da Gama Lobo d'Almada foi nomeado governador da Capitania de São José do Rio Negro e transferiu, em 21 de dezembro de 1771, a sede da Capitania da vila de Barcelos para o Lugar da Barra. Aquela não parecia ser adequada por causa das incursões espanholas no rio Solimões, enquanto este era propício ao desenvolvimento do comércio e da navegação pela posição na confluência do eixo rio Negro–Solimões.

Doze anos depois, em 2 de agosto de 1798, a mando do príncipe, a sede da Capitania voltou a Barcelos. O vai-e-vem da capital da província entre Barcelos e o Lugar da Barra encerrou-se finalmente em 1808, quando o governador Vitório da Costa, devidamente autorizado, “procedeu novamente à transferência do governo, de Barcelos para a Barra. Mês de março, dia 29, conforme se pode verificar de documento que se guarda no Arquivo Nacional, constante do original de sua comunicação a seus próprios hierárquicos.” (REIS, 2011, p. 59).

O Lugar da Barra começou a passar por um período de crescimento maior da população de portugueses e de brasileiros de outras províncias. No ano de 1833, o governo paraense fez uma divisão em seu território, que passou a ter três comarcas. Eram elas: Comarca do Grão-Pará, Comarca do Baixo Amazonas e Comarca do Alto Amazonas. A capital desta terceira era o Lugar da Barra, que foi elevado à categoria de vila com o nome de Vila de Manáos. Somente após quinze anos, pela Lei n.º 147, de 1848, é que a vila passou oficialmente à categoria de cidade, sendo então denominada Cidade da Barra do Rio Negro. “A partir de 1856 é que ganharia oficialmente o nome de Cidade de Manaus.” (LINS, 2001, p. 42). Monteiro (2001) nos mostra que “A denominação ‘Manaus’ ocorreu da aplicação da Lei n.º 68, de 4 de setembro de 1856, da Assembléia Provincial amazonense, projeto da autoria do deputado João Inácio Rodrigues do Carmo.” (p. 47).

Até então, a economia local era baseada no extrativismo das chamadas ‘Drogas do Sertão’ e poucas atividades agrícolas eram desenvolvidas. A economia começou a ser grandemente alterada na região com a extração do látex da seringueira. Por volta de 1890, a goma elástica da borracha apareceu com intensidade no mercado internacional pela demanda da indústria de pneumáticos. Devido a este aumento industrial, migraram para esta região muitos habitantes de outros países e de outras partes do Brasil, principalmente os nordestinos fugidos da seca. Com o aumento do capital, Manaus passou por um período de grande progresso e prosperidade. Iniciou-se a utilização do navio a vapor, houve a urbanização da cidade, a criação dos sistemas de esgoto e de transporte (bondes), a construção de pontes, do maquinário gerador de energia, etc.

**Figura 5** – Vista da construção do Porto de Manaus, 1900.



Fonte: Anjos & Pereira (2011, p. 62).

**Figura 6** – Porto de Manaus em 2011.



Fonte: Pereira (2011, p. 51).

Este período áureo da borracha em que a cidade passou por uma grande ascensão ficou conhecido como *'Belle Époque'* amazonense pela modernização, pelas grandes invenções e pela efervescência intelectual e cultural. Os arredores da cidade cresceram e se transformaram. O desenvolvimento se deu principalmente por um plano de urbanização feito pelo governador da época, Eduardo Ribeiro. Daou (2000) confirma:

Entre 1892 e 1896, durante a administração do jovem maranhense Eduardo Ribeiro, um engenheiro militar, Manaus foi transformada. Foram introduzidos mecanismos legais que visavam a promover um melhor controle do espaço urbano e a nortear a ocupação de novas áreas, garantindo assim os rumos da expansão urbana. (p. 35).

Por começar a se parecer bastante com as cidades europeias, Manaus ficou também conhecida como *'Paris dos Trópicos'*. Com toda a transformação da cidade, passaram a existir nela dois patamares, sendo um voltado para o rio e o outro mais longe abrangendo as áreas de

mata. “O eixo principal, inicialmente denominado Avenida do Palácio, quando inaugurado em 1901, recebeu posteriormente o nome de Eduardo Ribeiro [...]. Chamado pelos moradores da cidade simplesmente de ‘Avenida’, indicava o centro simbólico da nova cidade.” (Idem, p. 36).

**Figura 7** – Av. Eduardo Ribeiro em 1899.



Fonte: Anjos & Pereira (2011, p. 12).

**Figura 8** – Av. Eduardo Ribeiro em 1906.



Fonte: Anjos & Pereira (2011, p. 36).

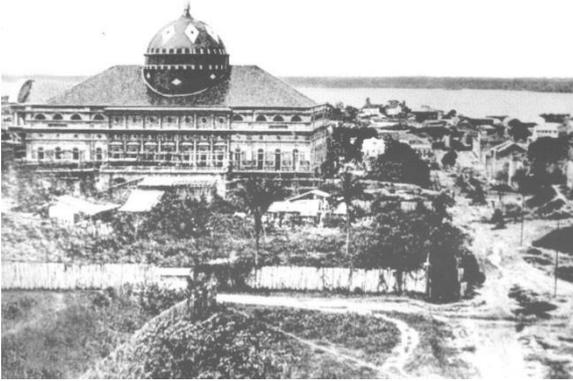
**Figura 9** – Av. Eduardo Ribeiro em 2011.



Fonte: Pereira (2011, p. 10)

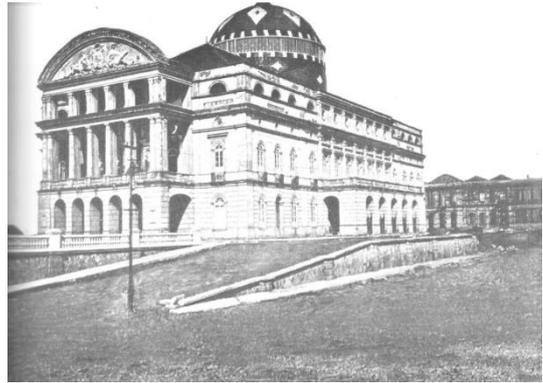
A Avenida Eduardo Ribeiro comporta, hoje, diversas lojas, hotéis, supermercados, consultórios, restaurantes e lanchonetes, além do Palácio da Justiça e de um dos principais pontos turísticos da Manaus atual: o Teatro Amazonas, inaugurado em 1896.

**Figura 10** – Teatro Amazonas em 1898.



Fonte: Anjos & Pereira (2011, p. 48).

**Figura 11** – Teatro Amazonas em 1899.



Fonte: Anjos & Pereira (2011, p. 15).

**Figura 12** – Teatro Amazonas em 2011.



Fonte: Pereira (2011, p. 15)

A partir da década de 1910, Manaus viveu o declínio da economia da borracha, que levou as principais cidades amazônicas à decadência econômica. A crise ocorreu principalmente por causa da forte concorrência de preço do látex asiático, através do desenvolvimento de experiências com borracha sintética, demandando áreas menores com seringueiras enfileiradas e uma mão-de-obra mais farta. Houve, então, um êxodo na região com a saída de estrangeiros e empresários. Ao mesmo tempo, a população remanescente dos trabalhadores dos seringais migraram para a capital na esperança de conseguir trabalho e

melhorar suas condições de vida. Com isto, os tempos da crise começaram a remodelar a geografia da cidade que passou a crescer desordenadamente por conta das inúmeras invasões.

A região ficou estagnada economicamente e, durante a Segunda Guerra Mundial, o governo promoveu uma maior ocupação da região amazônica oferecendo, principalmente aos nordestinos, a opção entre a guerra e a Amazônia. Em 1953, com o objetivo principal de integrar mais a região que se encontrava tão isolada, foi criada a Amazônia Legal e foi construída a estrada Belém-Brasília. Em 6 de junho de 1957, foi criada a Zona Franca de Manaus (ZFM) como Porto Livre. Segundo o histórico da ZFM encontrado no *website* da SUFRAMA,

Dez anos depois, o Governo Federal, por meio do Decreto-Lei Nº 288, de 28 de fevereiro de 1967, ampliou essa legislação e reformulou o modelo, estabelecendo incentivos fiscais por 30 anos para implantação de um pólo industrial, comercial e agropecuário na Amazônia. Foi instituído, assim, o atual modelo de desenvolvimento, que engloba uma área física de 10 mil km<sup>2</sup>.

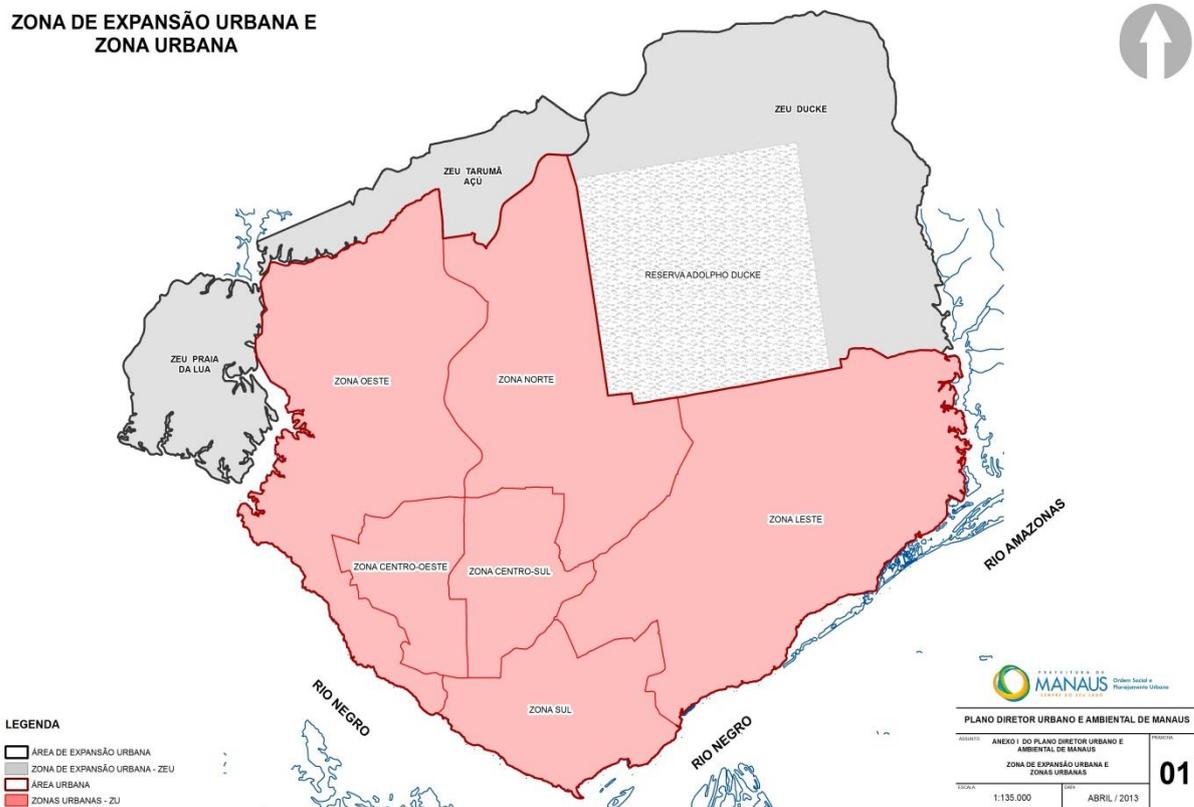
A duração da ZFM já sofreu prorrogações desde então. A mais recente foi assinada pela atual presidenta do país, Dilma Rousseff, em outubro de 2011. O novo prazo da ZFM é de 50 anos. Diversos outros projetos de melhoria da cidade já foram e estão sendo desenvolvidos. É uma cidade em constante crescimento e que está a ponto de ser considerada uma metrópole.

### **1.2.2 Economia e Administração da Manaus atual**

Manaus é uma cidade com um giro considerável de capital. Segundo os dados do IBGE (2010), o PIB a preços correntes é de R\$51.025.146.000,00, com os impostos sobre produtos líquidos e subsídios chegando a R\$10.234.211.000,00. Apesar deste grande giro de capital, a renda é concentrada nas mãos de uma pequena parte da população. A incidência de pobreza é de 40,98%, um índice bastante elevado. Ainda segundo o IBGE, temos que, das pessoas com 10 anos ou mais, quase 48.000 possuem uma renda mensal de apenas ¼ de salário mínimo ou menos, e que mais de 586.000 pessoas não têm rendimento nominal mensal. Por outro lado, cerca de 4.700 pessoas possuem uma renda maior que 30 salários mínimos. A diferença é muito grande. O rendimento domiciliar *per capita* mediano é de R\$416,67. Existem cerca de 6.600 domicílios com rendimento mensal de até ½ salário mínimo.

A capital é dividida em seis zonas (cf. figura 13) administradas pelo atual prefeito, Artur Virgílio Neto. De acordo com o *Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus* publicado no Diário Oficial de 16 de janeiro de 2014, são elas: Norte, a grande área de transição e habitacional da cidade, possuindo como limite a Reserva Florestal Adolpho Ducke; Leste, uma das maiores áreas habitacionais com característica horizontal da cidade, possuindo, ainda, atividades industriais, agroindustriais, de agricultura familiar, de turismo ecológico, atividades portuárias e de proteção ambiental, por sua localização na orla do Rio Amazonas; Sul, principal referência cultural e arqueológica, em especial pela localização do seu Centro Histórico, além de ser o maior centro de negócios da cidade; Oeste, território atrativo para o turismo e lazer, propiciando o desenvolvimento urbano com sustentabilidade ambiental, por sua localização na orla do Rio Negro e ainda o Igarapé do Tarumã-Açu; Centro-sul, área habitacional, além de ser a expansão do centro de negócios e serviços da cidade, com verticalização caracterizada; e Centro-oeste, área habitacional com característica horizontal, contemplando ainda um centro de referência em esportes e saúde da cidade.

**Figura 13 – Zonas de Manaus.**



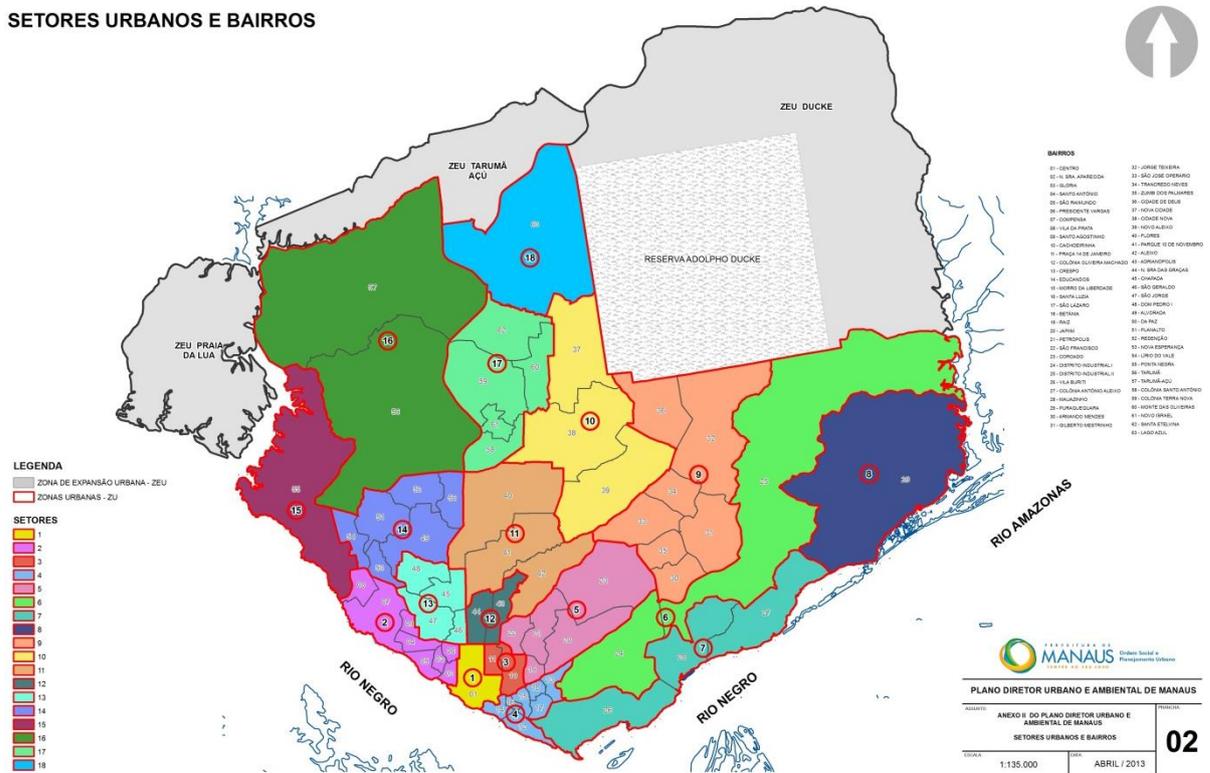
Fonte: IMPLURB (2014, p. 19).

Essas seis zonas estão divididas em dezoito setores (cf. figura 14). Norte: setores 10, 17, 18 e parte do 09; Leste: setor 08 e parte do 06, 07 e 09; Sul: setores 01, 03, 04 e parte do 02, 05, 06 e 07; Oeste: setores 15, 16 e parte do 02; Centro-sul: setores 11 e 12; Centro-oeste: setores 13, 14 e parte do 02. De acordo com as delimitações definidas pela Lei nº 1.401 de 14 de janeiro de 2010, os setores abrangem os 63 bairros de Manaus da seguinte maneira:

Setor 01: Centro; Setor 02: Nossa Senhora Aparecida, Glória, Santo Antônio, São Raimundo, Presidente Vargas, Compensa, Vila da Prata e Santo Agostinho; Setor 03: Cachoeirinha e Praça 14 de Janeiro; Setor 04: Colônia Oliveira Machado, Creso, Educandos, Morro da Liberdade, Santa Luzia, São Lázaro e Betânia; Setor 05: Raiz, Japiim, Petrópolis, São Francisco e Coroadó; Setor 06: Distrito Industrial I e Distrito Industrial II; Setor 07: Vila Buriti, Colônia Antônio Aleixo e Mauazinho; Setor 08: Puraquequara; Setor 09: Armando Mendes, Gilberto Mestrinho, Jorge Teixeira, São José Operário, Tancredo Neves e Zumbi dos Palmares; Setor 10: Cidade de Deus, Nova Cidade, Cidade Nova e Novo Aleixo; Setor 11: Flores, Parque 10 de Novembro e Aleixo; Setor 12: Adrianópolis e Nossa Senhora das Graças; Setor 13: Chapada, São Geraldo, São Jorge e Dom Pedro I; Setor 14: Alvorada, da Paz, Planalto, Redenção, Nova Esperança e Lírio do Vale; Setor 15: Ponta Negra; Setor 16: Tarumã e Tarumã-Açu; Setor 17: Colônia Santo Antônio, Terra Nova, Monte das Oliveiras, Novo Israel e Santa Etelvina; Setor 18: Lago Azul.

**Figura 14 – Setores e bairros de Manaus.**

**SETORES URBANOS E BAIRROS**



Fonte: IMPLURB (2014, p. 19)

**1.3 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS**

**1.3.1 População**

A população total de Manaus é de 1.802.014, sendo 879.742 homens e 922.272 mulheres. A capital possui uma densidade demográfica de 158,06 e o seu IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) é de 0,737. Dividindo-se a população por **faixas etárias** (o mais próximas possível da divisão utilizada pelo presente trabalho, de acordo com a divisão feita pelo IBGE 2010), temos que 645.633 habitantes estão entre 0 e 17 anos, 601.467 estão entre 18 e 34 anos, 421.386 pessoas entre 35 e 54 anos, e 226.103 pessoas estão com 55 anos ou mais.

Os habitantes da cidade de Manaus são, em grande número, migrantes de outros municípios do Amazonas, de outras regiões do Brasil, e de outros países. Se dividirmos a população por **origem de região**, temos: 1.678.879 pessoas da própria região Norte, 71.148 da região Nordeste, 23.848 do Sudeste, 6.775 do Sul, 6.340 do Centro-Oeste, 4.653 de algum país estrangeiro e 10.371 sem especificação.

Ao classificarmos a população por **raças**, encontramos declaradas 1.222.337 pessoas pardas, 479.191 brancas, 75.762 pretas, 20.680 amarelas, e 4.040 indígenas. Observa-se aqui uma minoria indígena, diferente da imagem que se tem erroneamente em outras localidades com relação à população manauara. Acredita-se que o próximo Censo do IBGE deva apresentar grandes alterações nos números desta classificação devido à grande migração de haitianos para Manaus nos anos seguintes à tragédia ocorrida no Haiti em 2010.

### **1.3.2 Saúde**

Para atender uma população de quase dois milhões de habitantes, Manaus conta com apenas 740 estabelecimentos de saúde, públicos e privados. Dentre eles, pode-se citar: os Hospitais 28 de Agosto, Dr. João Lúcio Machado, Adriano Jorge, Santa Júlia, Adventista de Manaus, Hospital Psiquiátrico Eduardo Ribeiro e os hospitais universitários Francisca Mendes e Getúlio Vargas; a Fundação de apoio ao idoso Dr. Thomas; a Fundação de Medicina Tropical; o HEMOAM – Fundação de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas; o CECON – Centro de Controle de Oncologia; entre outros.

### **1.3.3 Educação**

Segundo o IBGE (2010), a população alfabetizada de Manaus é de 1.527.978, o que corresponde a uma taxa de analfabetismo, da população de 15 anos ou mais, de 3,8%. Entre os jovens de 10 a 17 anos, a taxa é menor: 2,5%. São 7.332 jovens não alfabetizados enquanto 280.993 são alfabetizados. Ainda nesta faixa etária, são 12.956 habitantes que não frequentam a escola. As escolas de EJA – Educação de Jovens e Adultos – contam com 6.934 estudantes). No total da população, são 420.216 pessoas no ensino fundamental ou médio e 98.642 em algum nível de ensino superior.

A cidade tem 1.073 estabelecimentos de ensino distribuídos entre creches, escolas municipais, estaduais e particulares, e instituições de ensino superior. Dentre as principais escolas de nível fundamental, médio e técnico, cita-se o CMM – Colégio Militar de Manaus, o CMPM – Colégio Militar da Polícia Militar, o IFAM – Instituto Federal do Amazonas (também com nível superior), La Salle (também com nível superior), Adalberto Vale, Salesiano Dom Bosco (também com nível superior), Dom Pedro I, Lato Sensu, Fundação Nokia.

Dentre as instituições de nível superior, listamos algumas de maior destaque: UFAM – Universidade Federal do Amazonas, UEA – Universidade Estadual do Amazonas, o IFAM, UNL – Universidade Nilton Lins, UNINORTE – Centro Universitário do Norte, UNIP –

Universidade Paulista, CIESA – Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas, CEL – Centro de Ensino Literatus, FAMETRO – Faculdade Metropolitana de Manaus, ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, ESBAM – Escola Superior Batista do Amazonas, FSDB – Faculdade Salesiana Dom Bosco, FUCAPI – Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica, FLS – Faculdade La Salle, FMF – Faculdade Martha Falcão.

### 1.3.4 Transporte

De acordo com o DENATRAN (2013), existem 581.179 veículos registrados, sendo: 311.179 automóveis, 19.032 caminhões/tratores, 87.294 caminhonetes(as), 10.623 ônibus/micro-ônibus, 133.603 motos, e 19.448 de outros tipos. A passagem de ônibus, atualmente, custa R\$2,75. Existem também alternativas bastante usadas como micro-ônibus, que chegam a custar mais de R\$4,00, e moto-táxis, que variam o preço de acordo com a distância. Não há trens nem sistema de metrô na cidade.

Quanto ao transporte para fora da cidade, este se dá especialmente por vias fluviais e aéreas. O Aeroporto Internacional Eduardo Gomes está sendo reformado para atender às futuras necessidades por conta da copa mundial de futebol que será realizada neste ano de 2014. O porto de Manaus (cf. figura), localizado no centro da cidade, atende uma grande movimentação de embarcações de diversos tipos em comércio e turismo.

**Figura 15** – Aeroporto Internacional Eduardo Gomes após a reforma.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 16** – Aeroporto Internacional Eduardo Gomes (zoom).



No que diz respeito ao transporte rodoviário, a ligação com outros municípios e estados é feita através de quatro rodovias principais. A AM-070 liga Manaus ao município de Iranduba, tendo uma ponte que passa por cima do rio Negro. A ponte, de 3.596m, foi inaugurada em 24 de outubro de 2011, facilitando o transporte que era antes feito através de balsas. A AM-010 faz a interligação com os municípios de Itacoatiara e Rio Preto da Eva. A

BR-174 é a que leva à Boa Vista-RR e, por isso, é bastante utilizada por quem faz turismo na Venezuela. A BR-319 liga Manaus à cidade de Porto Velho-RO.

**Figura 17** – Ponte do Rio Negro.



Fonte: Pereira (2011, p. 35)

**Figura 18** – Vista aérea da Ponte do Rio Negro.



Fonte: Pereira (2011, p. 34)

### 1.3.5 Religião

No quesito religião, temos que, apesar de Manaus ser uma capital com certa diversidade, há o predomínio da religião católica que abrange mais da metade da população. Encontram-se declarados, segundo o IBGE (2010), 979.769 católicos, 764.223 evangélicos, 13.410 espíritas/espiritualistas, 12.950 testemunhas de Jeová, 7.313 da igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos dias, 6.066 ateus, 1.512 da umbanda ou candomblé, 1.472 budistas, 1.183 judeus, 359 islãs, 291 agnósticos, 111 hindus.

### 1.3.6 Eventos culturais

Além dos feriados nacionais, são comemorados três feriados em Manaus. O primeiro, no dia 5 de setembro, marca a celebração da elevação do Amazonas à categoria de província. O segundo, no dia 24 de outubro, corresponde ao considerado aniversário da cidade. E o terceiro, no dia 8 de dezembro, é quando se celebra o dia da padroeira do estado, Nossa Senhora da Conceição.

Os principais eventos culturais que ocorrem na cidade são: Boi Manaus, festa idealizada em 1997, com duração de três dias em que se comemora o aniversário de Manaus no Sambódromo com desfiles em toadas e bandas de boi-bumbá; Carnaval de Manaus, iniciado em 1947, em que as escolas de samba desfilam concorrendo em diversos níveis, além do Carnaboi, que funciona como uma espécie de ‘esquenta’ para os festivais de boi; Festival Folclórico de Manaus, iniciado em 1957, conta com apresentações de danças folclóricas em boi, ciranda, danças nordestinas, quadrilhas e apresentações de tribos; Festival Amazonas de Ópera, realizado desde 1996 pela Secretaria de Estado do Amazonas no Teatro Amazonas durante o mês de maio; Festival Amazonas de *Jazz*, que ocorre durante seis dias do mês de julho no teatro Amazonas com oficinas e *workshops* de música ocorrendo paralelamente no Palácio da Justiça e no Palacete Provincial; Amazonas *Film Festival*, que acontece desde 2001 em novembro no Teatro Amazonas e no Largo São Sebastião com a apresentação de filmes de longa e curta metragem que concorrem a prêmios em diversas categorias; e FIAM – Feira Internacional da Amazônia, realizada desde 2002 com rodadas de negócios, seminários, exposições, oficinas, palestras e fóruns relacionados ao comércio e sustentabilidade da Amazônia.

**Figura 19** – Boi Manaus.



Fonte: Pereira (2011, p. 150).

### **1.3.7 Domicílios**

Com respeito aos domicílios particulares permanentes, estão registrados pelo IBGE (2010) 460.844, com uma média de moradores por domicílio de 3,9. As formas de abastecimento de água desses domicílios estão divididas em: 347.882 abastecidos pela rede geral; 109.216 por poço artesiano ou nascente; 921 por rio, açude, lago ou igarapé; 207 através de carro-pipa; e 137 pela água da chuva.

Quanto ao destino do lixo, os domicílios estão assim distribuídos: 451.655 domicílios com o lixo coletado pelo órgão responsável; 4.115 com o lixo queimado na propriedade; 3.026 jogado em terreno baldio ou logradouro; 753 jogado em rio ou lago; 346 enterrado na propriedade. Existem, dentre esses mais de 460.000 domicílios, 1.779 que não tem fornecimento de energia elétrica e 3.690 não possuem banheiro nem sanitário. Quanto ao saneamento básico, 50,3% tem saneamento adequado, 48,8% semi-adequado, e 0,9% inadequado.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho busca sua base nas áreas da Dialectologia e da Sociolinguística, as quais serão brevemente apresentadas aqui em sua história e teoria, bem como na Fonética e na Fonologia. Antes disso, porém, faz-se necessário apresentar alguns conceitos-chave para que se possa melhor compreendê-las.

Um conceito fundamental para se iniciar qualquer estudo linguístico é o de *língua*, o qual apresenta controvérsia nas definições de diversos autores. Para esta pesquisa, adota-se a visão laboviana, bem resumida por Mendes (2013) quando afirma que ela é social e que “Tudo o que podemos chamar ‘ferramentas linguísticas’ (palavras, frases, etc.) é empregado com funções que, em sentido amplo, podem ser socialmente definidas (...) os usos de tais ferramentas se explicam não só em termos linguísticos, mas também em termos sociais.” (p. 112). Somada a essa posição, temos a visão de Ferreira e Cardoso (1994) que a entendem como “um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo.” (p. 11). Dentro desse sistema de intercomunicação, é possível distinguir diversos subsistemas chamados *dialetos* (do grego *diálektos*, pelo latim *dialectu*). Os dialetos são variedades linguísticas que podem determinar a origem de seus falantes, seja em termos de localidade (dialetos regionais), seja em aspectos sociais (dialetos sociais ou socioletos). Esses itens serão tratados mais adiante (cf. 1.1).

As autoras afirmam ainda que as línguas possuem uma estrutura fônica, gramatical e lexical definida e distinta, e que cada uma é o resultado da diversificação de uma língua anterior. Tal diversificação é atribuída à fala por Ferdinand de Saussure (1857-1913), conhecido como Pai da Linguística. Em seu *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente por seus discípulos, Saussure nos diz que “é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos.” (2006, p. 27). Tem-se aqui o processo de produção da fala desde a percepção dos sons pelo ouvinte, passando pelo processamento mental dos mesmos até a articulação.

Pode-se encontrar um exemplo bastante aparente (extremo até, por se tratar de línguas distintas) na palavra caju [kɛ`ʒu], original da língua tupi que, ao ser ouvida por falantes da língua inglesa, acabou por se tornar cashew [kæ`ʃu:], uma palavra foneticamente próxima, porém diferente. Corroborando com o que afirma Saussure, Brandão (1991) explica que “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.” (p. 5).

Partindo desse pressuposto de que a fala modifica as línguas, entende-se que é condição *sine qua non* haver mais de uma forma de se dizer ‘a mesma coisa’ para que ocorra

a evolução de uma língua. Calvet (2002) explica que há essas formas diferentes de dizer a mesma coisa “quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm função outra, estilística ou social” (p. 103). Relembre-se aqui do que trata essa dicotomia saussureana referida por Calvet: *significante* é a imagem acústica sensorial do signo (palavra), ou seja a impressão psíquica do som, enquanto *significado* é o conceito mental que se tem deste signo (SAUSSURE, 2006, p. 80-81). A escolha que o falante faz de determinado significante em detrimento de outro reflete o contexto socio-histórico em que ele se encontra.

Informalmente, fora das ciências da linguagem, acredita-se que um falar é ‘errado’ quando se sai da mera cópia oral das formas escritas. Ao tratar dessa questão, Ilari e Basso (2006) dizem que “estamos diante de outro código, e não de erros devidos às limitações mentais dos indivíduos” (p. 177). Esta aparente agramaticalidade da fala cotidiana é apresentada por Labov (2008) como *um mito sem nenhum fundamento na realidade*, mito este que parece originar-se em duas fontes: “dados obtidos de transcrições de conferências acadêmicas (...) e a tendência habitual a aceitar ideias que se encaixam em nosso quadro de referências [linguísticas formais], sem observar os dados que nos circundam [: o vernáculo].” (p. 237). É exatamente sem observar os dados reais que muitos não se dão conta de que, naturalmente, “a língua escrita tende a ser mais altamente padronizada do que a fala dos que a utilizam” (LYONS, 1987, p. 254).

No Brasil, em especial, observa-se uma situação em que apenas uma pequena parte da população é alfabetizada de maneira plena e uma porcentagem menor ainda tem acesso ao ensino superior. Segundo uma reportagem publicada em 27/01/13 no *website* da Universidade de Brasília – UnB, o relatório divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em setembro de 2012, mostra o Brasil em 38º lugar (entre 40 países) em nível superior de ensino. “Somente 11% da população entre 25 e 64 anos de idade atingiram esse patamar educacional, quando o recomendável é, ao menos, 31%” (PINTO & OLIVEIRA, 2013). Corroborando com essa informação, Noll (2008) aponta uma comparação: “Enquanto na Alemanha mais de um terço dos formandos [do ensino médio] por ano conseguem sua admissão no ensino superior, no Brasil isso corresponde a somente um pequeno percentual” (p. 44). O autor continua, afirmando:

Visto que, no Brasil, comparativamente, é pequena a parcela da população que está mais fortemente influenciada pela linguagem escrita e [esta] pode atuar como um fator lingüístico corretivo, **a linguagem coloquial admite um significado bem maior** do que nas comunidades centro-européias. (Idem, grifo nosso)

Baseando-se na norma escrita em comparação com a produção real da fala, e em contextos de alta formalidade em comparação com o vernáculo é que comumente tomam-se atitudes de preconceito lingüístico (a este respeito, remete-se ao livro *Preconceito lingüístico – o que é? como se faz?* de Marcos Bagno).

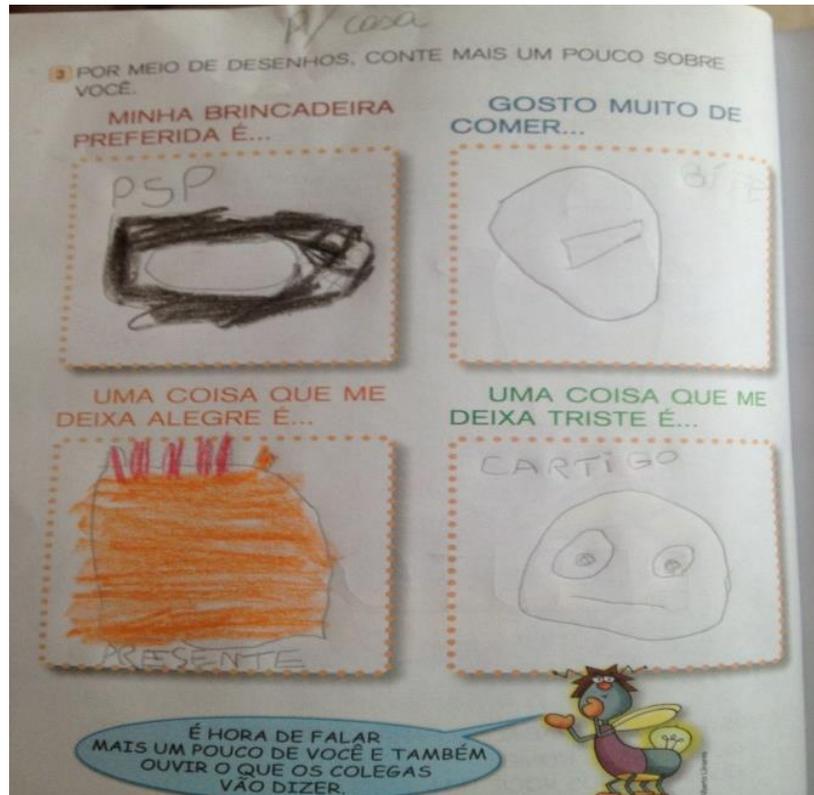
Na Linguística, porém, é sabido que não há norma padrão para a fala e que se trata apenas de uma variante considerada padrão. Entende-se aqui por *variante* “uma FORMA lingüística que faz parte de um conjunto de alternativas de um determinado CONTEXTO” (CRYSTAL, 2008, p. 265). Camacho (2008) acrescenta que as variantes “ordenadas ao longo de uma dimensão contínua, são determinadas por uma ou mais variáveis independentes, de natureza lingüística ou extralingüística.” (p. 56). Essas variáveis independentes extralingüísticas incluem tanto características do contexto de fala, como o nível de formalidade, quanto do falante, como faixa etária, grau de escolaridade, origem geográfica, entre outras.

Todas as línguas são heterogêneas por natureza, todas sofrem variação. “A variação é inerente à língua e reflete variações sociais.” (WEEDWOOD, 2002, p. 152). É necessário, então, que falantes de certos grupos se utilizem de outras variantes que não a padrão para que, por vezes, uma delas passe a ser a nova variante padrão. Ora, se assim não fosse, usaríamos ainda hoje no Brasil o pronome de tratamento *Vossa Mercê*, o qual, segundo Ferreira (2004), passou a *vossemecê*, *vosmecê*, *você*, (p. 2072) e é hoje utilizado em grande escala como *cê* em algumas regiões do país. Com o passar do tempo e o acúmulo de mudanças ocorridas dentro de uma língua, esta acaba por tornar-se uma língua distinta. Essas mudanças, porém, não ocorrem ‘do dia para a noite’. “A verdade é que a transformação de uma língua em outra não é repentina, mas gradual.” (Lyons, 1987, p. 172).

Mais lenta ainda é a alteração da escrita oficial no processo de mudança interna nas línguas. É o que nos confirma Mori (2008): “Os sistemas de escrita, portanto, não acompanham o desenvolvimento dinâmico da língua oral, daí essa defasagem entre a fala e a sua representação gráfica, dando como resultado os problemas ortográficos no momento de se escrever” (p. 150). Apresentam-se, nesse trabalho, dois exemplos da situação mostrada pelo autor. Durante a coleta dos dados (ver 3.2) para a presente pesquisa, ocorreu a seguinte

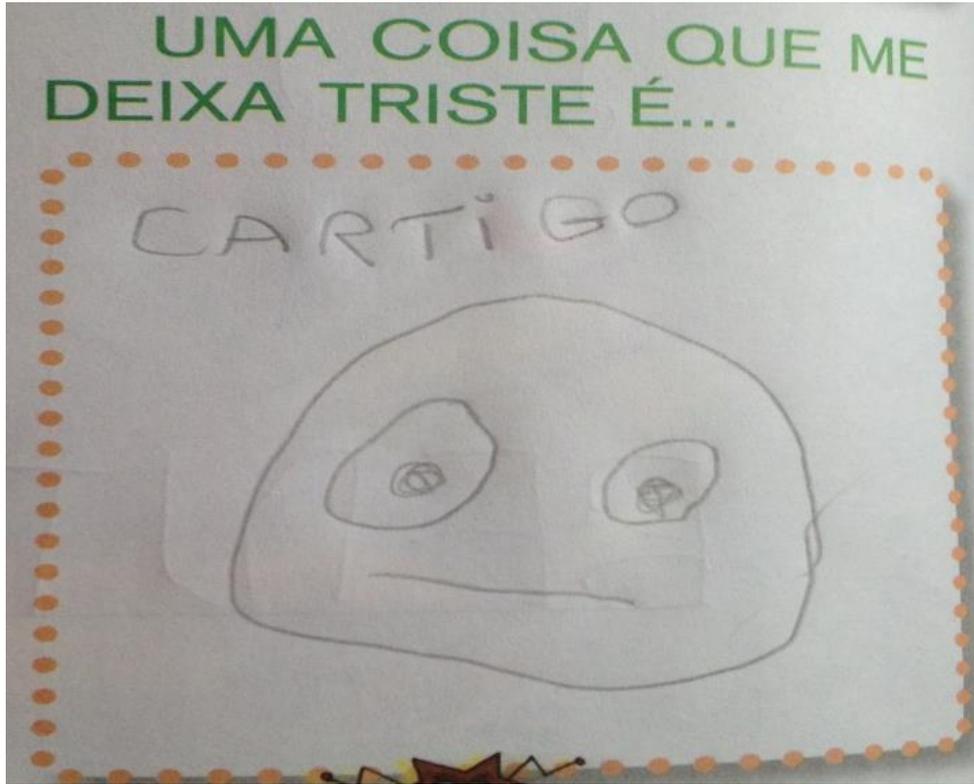
situação: Enquanto a pesquisadora entrevistava uma informante, seu irmão de seis anos entrou no ambiente carregando a mochila da escola, tirou de dentro um livro de exercícios e disse: “Olha, tia, fiz minha tarefinha já”. Eis a página em que o menino abriu o livro:

**Figura 20** – Influência da oralidade na escrita de uma criança de seis anos.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 21** – Influência da oralidade na escrita de uma criança de seis anos (zoom).

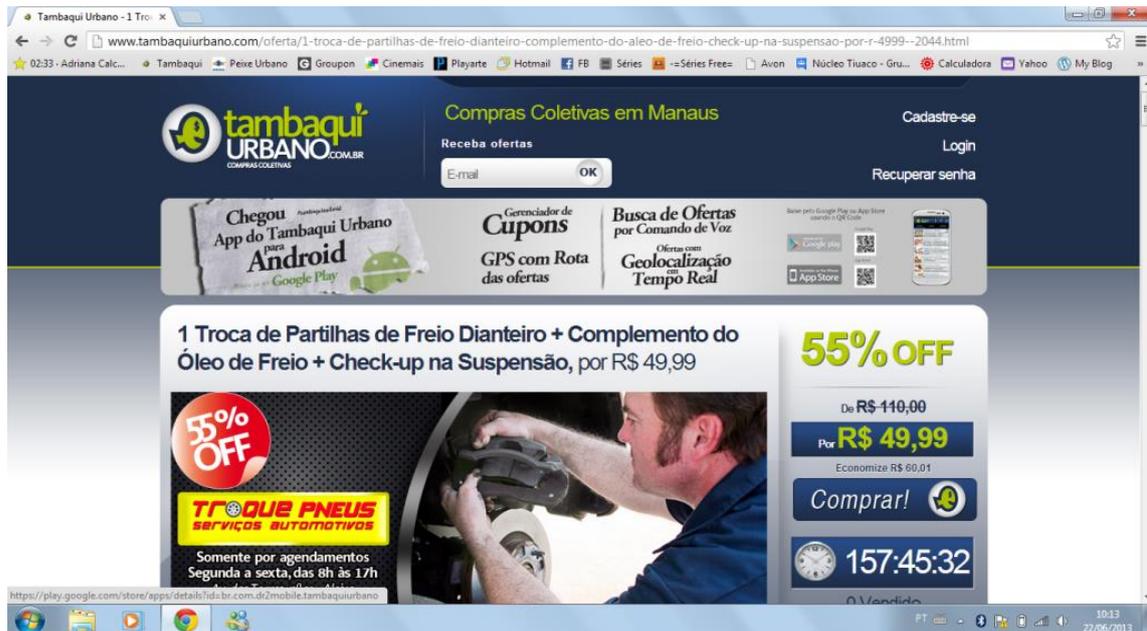


Fonte: Acervo da pesquisadora.

Pode-se observar claramente nesse exemplo como a fala não-padrão influencia, por vezes, a forma gráfica que se utiliza. Apesar de ser alfabetizado através da variante padrão da língua, o menino expressou-se graficamente em sua própria variante de fala ao escrever <cartigo> ao invés de <castigo> (em comparação com as formas fonéticas: [kɐh`ʃiɡu] ao invés de [kɐs`ʃiɡu] ou [kɐʃ`ʃiɡu]).

Outro exemplo de ocorrência do mesmo fenômeno de transferência oral para a forma escrita da realização não-padrão estudada neste trabalho é a publicação de uma promoção realizada por um *website* de compras coletivas na cidade em junho de 2013. Aonde deveríamos ler <Pastilhas>, lemos <Partilhas> (em comparação com as formas fonéticas: [pɐh`ʃiɫɐ] ao invés de [pɐs`ʃiɫɐ] ou [pɐʃ`ʃiɫɐ]).

Figura 22 – Influência da oralidade na escrita em *website* da cidade de Manaus.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 23 – Influência da oralidade na escrita em *website* da cidade de Manaus (zoom).

**1 Troca de Partilhas de Freio Dianteiro + Complemento do Óleo de Freio + Check-up na Suspensão, por R\$ 49,99**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Quando se fala em variação, é preciso ter em mente que ela nem sempre resulta em mudança. É o que diz Camacho (2008):

Toda mudança é o resultado de algum processo de variação, em que ainda coexistem a substituta e a substituída, embora o inverso não seja verdadeiro, isto é, nem todo processo de variação resulta necessariamente numa mudança diacrônica, caso em que a variação é estável e funciona como indicador de diferenças sociais. (p. 56)

Quando uma das concorrentes prevalece e a outra é ‘apagada’, tem-se mudança. Quando ambas são utilizadas em larga escala de maneira a determinarem características socio-históricas do falante, tem-se apenas variação. A fim de detectar se uma variação é estável ou encontra-se em processo de mudança, pode-se recorrer a Labov (2008) que diz que os dados para tal detecção “são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala.” (p. 194).

Lembra-se aqui que *comunidade de fala* é um termo que pode ser compreendido de diferentes maneiras. A definição que se compartilha nesta pesquisa é a que diz que uma “**comunidade de fala** consiste de um grupo de falantes que compartilham de um conjunto específico de princípios subjacentes ao comportamento linguístico” (SILVA, 2010, p. 12). Ou seja, a comunidade de fala não se define puramente por divisões geográficas, mas pelos falantes que se utilizam dos mesmos princípios linguísticos. É possível considerar comunidades em maior ou menor escala. Por exemplo: Pode-se entender os falantes do Português Brasileiro como pertencentes a uma mesma comunidade de fala a qual possui internamente diversas outras comunidades como a dos profissionais da área de medicina. A esse respeito, Fishman (1974) complementa:

Mesmo nas comunidades de fala monolíngue, o repertório lingüístico de determinados complexos sociais pode consistir de numerosas variedades de classes sociais, ou de variedades de classes sociais e regionais ou mesmo de variedades de classes sociais, regionais e ocupacionais da *mesma língua*. (p. 28)

Apresentados alguns conceitos básicos e fundamentais, faz-se agora uma breve exposição sobre esses dois ramos das ciências da linguagem: a Dialetoлогия, com seu método consagrado, a chamada Geolinguística ou Geografia Linguística; e a Sociolinguística, em sua caracterização Variacionista.

## 2.1 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA

Quando se fala em estudos da linguagem, a abrangência é tamanha que se pode pensar nesses estudos desde os recortes do chamado núcleo duro (Morfologia, Sintaxe, Lexicologia, Semântica, Fonética e Fonologia) até os de uma linguística mais macro (Estilística, Dialetoлогия, Psicolinguística, Sociolinguística, Linguística Antropológica, etc). O foco do presente trabalho são as áreas de Fonética e Fonologia, apresentadas no subtópico 1.2, e de Dialetoлогия e Sociolinguística, tratadas a seguir.

A Dialetoologia nasceu no final do século XIX na França. Brandão (1991) afirma que “em 1881, [a dialetologia] passou a fazer parte do currículo regular da École Pratique des Hautes Études, de Paris.” (p. 8). As pesquisas dialetais contradiziam muitas das afirmações dos neogramáticos, especialmente em relação à proposta das leis fonéticas que não admitiam exceções. Dialetoologia trata do estudo dos dialetos. Ao mencionar a tarefa da Dialetoologia, Cardoso (2010) explicita: “descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” (p. 15).

O trabalho considerado pioneiro nessa disciplina é o *Atlas Linguístico da França – ALF*, produzido por Jules Gilliéron. A coleta de dados do ALF foi iniciada no ano de 1897 com a colaboração de Edmond Edmont que a executou em 639 pontos espalhados pela França. O ALF é composto de 35 fascículos publicados entre 1902 e 1910. Através desse atlas, inaugurou-se o método dialetológico por excelência: A Geografia Linguística ou Geolinguística. A este respeito, Maia (2012) confirma: “tal método tem suas origens na elaboração do *Atlas Linguístico da França* (...) desenvolvido ao longo dos anos, mostrando-se muito eficiente no objetivo a que se propunha.” (p. 50). O objetivo mencionado pelo autor é o de mapear linguisticamente as regiões através de criteriosa seleção de informantes e adequada obtenção e manuseio dos dados tornando possível a elaboração de atlas linguísticos regionais.

Pode-se citar aqui alguns atlas importantes elaborados após o ALF. No cenário Europeu, temos: ALE – Atlas Linguístico Europeu, que, após alguns projetos fracassados, iniciou-se definitivamente em 1965 sob a direção de Mario Alinei e Antonius Weijnen, e engloba diversas famílias linguísticas. Já conta com a publicação de cinco fascículos entre os anos de 1983 e 1997; ALiR – Atlas Linguístico Romano, coordenado por Michel Contini e iniciado em 1987. Divido em 10 volumes que são apresentados em cartas e comentários, investiga 1037 pontos e abrange todos os países de língua românica e os arquipélagos de Açores, Madeira e Canária; ALI – Atlas Linguístico Italiano, iniciado na década de 1930 e abandonado por algumas décadas, sendo retomado na década de 1970. Foi elaborado por uma equipe de pesquisadores do *Instituto Dell’Atlante Linguístico Italiano* e contemplou 1065 pontos de inquérito por todo o país, rendendo uma publicação, na década de 1990, de três volumes de cartas linguísticas e dois tomos com dados de informantes, localidades e coleta de dados.

Nas Américas, dentre os muitos trabalhos já realizados, podemos citar: ALM – Atlas Linguístico do México, desenvolvido por Juan Lope-Blanch e iniciado na década de 1940 com conclusão em 1985, abrangeu 193 localidades; LANE – Atlas Linguístico da Nova Inglaterra (em inglês *Linguistic Atlas of New England*), dirigido pelo pesquisador Hans

Kurath e publicado entre os anos de 1939 e 1943. O LANE estudou 213 comunidades nos Estados Unidos. Especificamente no Brasil, tem-se: ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, que foi primeiro idealizado em 1952, retomado em 1996, e encontra-se ainda em andamento. APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos, dirigido por Nelson Rossi, abrangeu 50 localidades e foi publicado em 1963 em duas partes: um livro de introdução e os mapas linguísticos; ALPR – Atlas Linguístico do Paraná, coordenado por Vanderci Aguilera e apresentado em 1990, investigou 65 localidades e foi publicado em dois volumes; ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas, desenvolvido por Maria Luiza Cruz entre os anos de 2001 e 2004, quando foi apresentado em dois volumes. O ALAM contemplou nove municípios representativos de microrregiões do estado.

Além desses exemplos, muitos outros trabalhos foram e têm sido desenvolvidos na Dialectologia, que se encontra em constante desenvolvimento e modernização. Cruz (2004) aponta que “sendo a Dialectologia uma ciência com larga tradição, com valiosa literatura e metodologia já estabelecida, é imprescindível manter os estudos nessa área com as adaptações requeridas pelo mundo moderno.” (p. 99). Coseriu (1980b) afirma a respeito deste desenvolvimento: “A Dialectologia (...) é na atualidade a seção mais vital da lingüística ibero-americana, do ponto de vista da quantidade do trabalho realizado e dos materiais recolhidos, e registrou progressos sensíveis nos últimos anos.” (p. 338). Mais adiante, o autor trata também de seu principal método: “Quanto aos métodos de investigação (...) um progresso muito mais decisivo, para além da mera entrevista, foi a introdução da geografia lingüística.” (p. 339).

A Sociolinguística, por sua vez, apareceu na década de sessenta do século XX na ocasião de um encontro de 25 pesquisadores promovido por William Bright na cidade de Los Angeles. A respeito deste marco inicial, Calvet (2002) comenta: “O encontro de maio de 1964 marca, com efeito, o nascimento da sociolinguística.” (p. 30). Nomes hoje considerados de grande importância para a Linguística se fizeram presentes no encontro. Cita-se aqui alguns deles: William Labov, John Fisher, Dell Hymes, John Gumperz e Charles Ferguson. Especificando a tarefa da Sociolinguística, Bright (1974) explica que ela pretende “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” (p. 17), e, quanto ao seu objeto, afirma que “é precisamente a DIVERSIDADE lingüística o objeto de estudo da sociolingüística.” (p. 18).

Um ano antes desse encontro, Labov publicou uma pesquisa que desenvolveu na ilha de Martha’s Vineyard no qual ele apontou a influência sobre a variação linguística de fatores sociais como faixa etária, gênero (feminino/masculino), origem étnica, profissão e atitudes

linguísticas. Em 1964, concluiu um estudo realizado na cidade de Nova Iorque (‘A estratificação do inglês em Nova Iorque’) em que ele estabeleceu um “modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação, de grande impacto na Lingüística contemporânea” (ALKIMIN, 2008, p. 30).

Ao focar a variação da produção linguística dentro dos limites das comunidades de fala estabelecidos em suas pesquisas, essa teoria veio contrapor a abordagem dos gerativistas da década anterior que, assim como os estruturalistas, idealizavam uma comunidade de fala homogênea. A Sociolingüística Variacionista trabalha exatamente com a heterogeneidade linguística a qual pode ser observada, descrita e analisada empiricamente. Dessa mudança do ponto de vista, Labov (2008) diz:

No passado, era natural considerar essas normas [sociais que compõem a língua] como invariantes, compartilhadas por todos os membros da comunidade de fala. No entanto, estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação. (p. 140)

Quanto ao nome ‘Sociolingüística’, o próprio Labov resiste ao uso do termo, uma vez que “ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (idem, p. 13). Outros autores de renome corroboram esta opinião. Calvet (2002), por exemplo, explica que “Para compreender o porquê dessas situações, o porquê da variação lingüística, das atitudes e das estratégias, é preciso ir à raiz – social – dos fenômenos; e é isso que faz caducar a oposição entre lingüística e sociolingüística” (p. 144). De fato, com todo o avanço nos estudos linguísticos, faz-se necessário hoje que qualquer pesquisa – por mais que trate do núcleo duro, como o presente trabalho – baseie-se na investigação também social do contexto de produção linguística.

Labov, embora não pioneiramente, fez o cruzamento entre as variáveis linguísticas e as extralinguísticas. Usa-se aqui a expressão ‘não pioneiramente’ ao levar em consideração o surgimento da Dialetoлогия anterior ao da Sociolingüística. A respeito da ordem de surgimento e das características e interesses em comum entre as duas áreas da Linguística ora tratadas, Ferreira e Cardoso (1994) explicam:

muito antes de a sociolinguística se ter fixado [...] a dialetologia já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo, etc. A dialetologia, portanto, já há muito tempo usa de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística. (p. 18).

Mais adiante, as autoras confirmam que as duas disciplinas “têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala” (p. 19). Apesar, porém, da proximidade de interesses, a Dialetologia estuda, sobretudo, a diversidade diatópica e a Sociolinguística, a diversidade diastrática, conforme as autoras afirmam. Esses dois tipos de diferenças internas que existem em cada língua caracterizam-se como:

a) Diferenças diatópicas (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar): São as diferenças no falar de uma mesma língua em espaços geográficos distintos. O conjunto de formas específicas utilizadas em determinada região é conhecido como dialeto regional ou simplesmente dialeto.

b) Diferenças diastráticas (relacionadas aos estratos sociais): São as variantes socioculturais que podem determinar características específicas do falante, *e.g.* classe social, gênero, grau de escolaridade, profissão, faixa etária, etc. Um conjunto de formas de determinada característica pode ser chamado de dialeto social ou socioleto.

Na teoria, tem-se uma distinção bem definida entre esses dois tipos. Ilari e Basso (2006) dizem que na prática, entretanto, “nem sempre é fácil separar o que é diatópico do que é diastrático.” (p. 163). Para que se conserve a acurácia da pesquisa científica, é necessário que o pesquisador mantenha, da maneira mais precisa possível, um controle das variáveis extralinguísticas a fim de verificar quais as características da produção de determinado falante refletem traços socioculturais, e quais demonstram traços da origem regional. Através desse controle, determina-se, por exemplo, se um dado fenômeno ocorre mais entre os falantes nortistas do que entre os nordestinos, ou se ocorre mais na fala masculina do que na feminina.

A respeito das diferenças de gênero, muito já se tem visto nas pesquisas publicadas nos estudos da linguagem. Parece ser de acordo geral entre os pesquisadores que a fala das mulheres tende a apresentar mais marcas da variante padrão do que a dos homens. Paiva (2010) comenta:

Diversos outros estudos de orientação sociovariacionista puderam corroborar a constatação de Fisher: gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que **as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.** (p. 34, grifo nosso)

Paiva indica ainda um cruzamento entre o gênero e a escolaridade ao apontar indicações de que a escolarização “atua de forma mais nítida sobre as mulheres do que sobre os homens (cf. Oliveira & Silva Paiva, 1996). A mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos.” (Idem, p. 39). Outro autor que confirma a tendência feminina ao uso das formas de prestígio é Lyons (1987): “as mulheres têm mais probabilidade de adotar o sotaque ou dialeto em geral associado com o *status* social mais alto do que os homens.” (p. 250). Mais adiante, afirma a grande influência dessa variável sociolinguística sobre a fala: “não há dúvida de que o sexo é uma das principais variáveis relevantes do ponto de vista sociolinguístico em todas as línguas.” (Idem, p. 251).

Ao observar os preceitos da Dialetoologia e da Sociolinguística, conclui-se que, no fim das contas, nenhuma área de estudos linguísticos, sozinha, pode dar conta de explicar por completo algum fenômeno. Concorde-se, então, com Brandão (1991) quando conclui que “os princípios da geografia lingüística combinados aos da sociolingüística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução.” (BRANDÃO, 1991, p. 12). Embora seja de extrema importância observar a questão social, segundo Labov (2008), o “estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes.” (p. 151). Portanto, na presente pesquisa, somam-se essas disciplinas que tratam fatores extralinguísticos às que tratam dos fatores linguísticos relacionados ao fenômeno em questão.

## 2.2 FONÉTICA E FONOLOGIA

A diferenciação entre as áreas da Fonética e da Fonologia foi consolidada em 1928 por Nicolai Trubetzkoy, Sergei Karcevsky e Roman Jakobson durante o *Primeiro Congresso Internacional de Linguistas* na cidade de Haia, segundo Mori (2008). Mori explica a Fonética como sendo “a ciência do aspecto material dos sons da linguagem humana. Ela estuda os aspectos físicos da fala, ou seja, as bases acústicas relacionadas com a percepção, e as bases fisiológicas relacionadas com a produção.” (p. 149). Da Fonologia, explica que ela “estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significado [...] estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica” (idem).

A respeito do ponto de vista apresentado por Trubetzkoy, Coseriu (1967) explica que, apesar de ter sido um dos primeiros a reconhecer tal diferença, o autor traçou certa hierarquia entre as duas disciplinas:

*em su obra se autonomiza la fonética com respecto a la fonología, pero no la fonología com respecto a la fonética (...) el punto de partida fue siempre la fonética, como el mismo lo reconoció em el Congreso lingüístico de Copenhagem (...) no le hacen ignorar la <<sustancia>> fónica ni definir el fonema de outro modo que partiendo, justamente, de los sonidos del habla<sup>1</sup> (p. 147-148).*

Já Cagliari (2002) entende a Fonética e a Fonologia como disciplinas, apesar de distintas, igualmente complementares. De forma sucinta, explica que “A Fonética sozinha pode se perder em coisas inúteis. Por outro lado, sem a Fonética, a Fonologia começa a inventar uma língua que existe apenas para contentar o modelo teórico.” (p. 19).

Apesar de se tratar de duas disciplinas diferentes, ambas estudam os sons da linguagem humana. A diferença encontra-se basicamente, então, no ponto de vista de onde observam esse objeto. Como disse Saussure (2006), “é o ponto de vista que cria o objeto” (p. 15). Uma vez que a Fonética e a Fonologia observam os sons da fala a partir de duas perspectivas diferentes, as maneiras de se lidar com esse objeto são diferentes. Resumindo: aquela descreve e esta interpreta. Os tipos de análise traçadas por cada uma são também diferentes. Cagliari (2002) distingue: “A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função lingüística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas.” (p. 18).

A quantidade de fonemas existentes nas línguas varia bastante de uma para a outra (e até dentro da mesma língua nas variedades internas). Segundo Trask (2008), o mínimo de fonemas que se conhece em uma língua é dez (no Pirahã, língua indígena brasileira), e o máximo é 141 (no !Xũ, língua africana), e a média é entre 25 e 30. “As variedades do português apresentam, de maneira geral, entre 26 e 35 fonemas, números que podem divergir em função da variedade considerada e da sistematização adotada. Tipicamente, temos 19 fonemas consonantais em português.” (p. 115).

Os estudos da Fonética são comumente divididos em três tipos (ou pontos de vista):

---

<sup>1</sup> em sua obra, a fonética se autonomiza em relação à fonologia, mas não a fonologia em relação à fonética (...) o ponto de partida sempre foi a fonética, como ele próprio reconheceu no Congresso linguístico de Copenhagem (...) não se pode ignorar a ‘substância’ fônica nem definir o fonema de outro modo que não partindo, justamente, dos sons da fala. (tradução nossa)

a) Fonética Articulatória: Trata da maneira como os sons são produzidos, englobando todo o processo fisiológico envolvido.

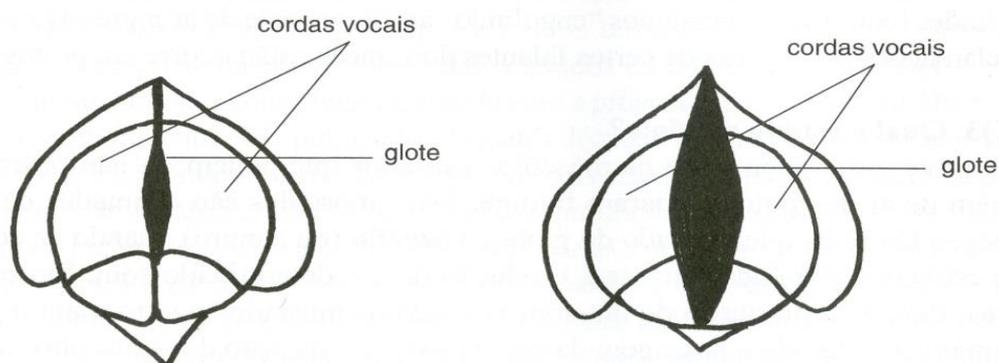
b) Fonética Acústica: Estuda as propriedades de propagação dos sons através do ar, mostrando como eles são transmitidos.

c) Fonética Auditiva: Trabalha com a forma como os sons são percebidos pelos ouvintes.

Devido à natureza do presente trabalho, o ponto de interesse maior é a Fonética Articulatória. Existem basicamente dois tipos de sons a serem estudados e classificados: as vogais e as consoantes. Cagliari (2007) define: “um som é uma vogal, quando a configuração das cavidades supraglóticas está aberta ao longo de todo o tubo de tal modo que a passagem da corrente de ar é livre e não produz fricção local.” (p. 111). Pontua-se aqui as consoantes, que são formadas “quando nas cavidades supraglóticas ocorre um bloqueio à corrente de ar ou um estreitamento do canal de tal modo que a corrente de ar ao passar por ele produz fricção local.” (idem). São quatro as maneiras de se determinar as características nos sons consonantais: quanto à laringe, à faringe, ao ponto e o modo de articulação.

A primeira parte, a laringe, é quem dá ao som a propriedade surda (desvozeada) ou sonora (vozeada). “O ar expulso dos pulmões passa primeiramente pela glote, onde há uma produção possível de um som laríngeo pela aproximação das cordas vocais.” (SAUSSURE, 2006, p. 53). A abertura da glote pelo movimento de afastamento das pregas (cordas) vocais determina as consoantes surdas: [p, t, k, f, s, ʃ, ts, tʃ, h].

**Figura 24** – Visão superior do estado da laringe em segmentos vozeados (esquerda) e desvozeados (direita).



Fonte: SILVA (2010, p. 28).

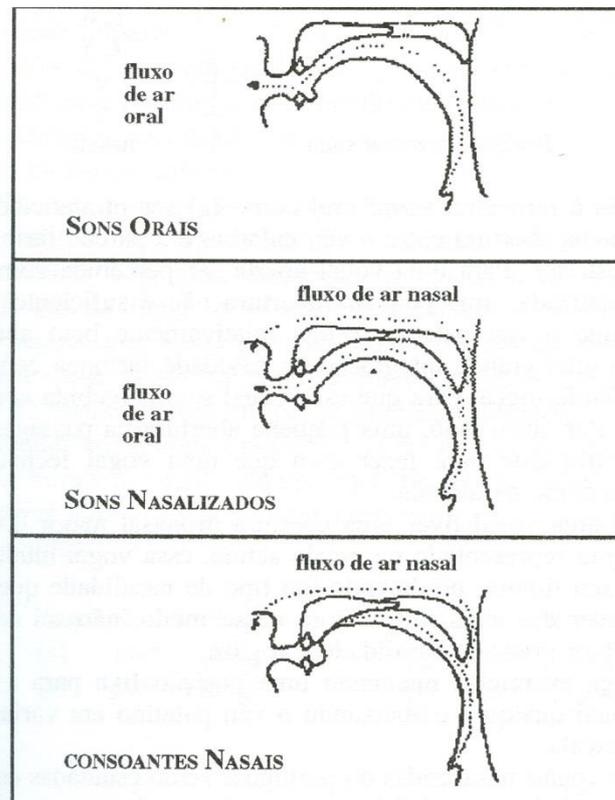
**Figura 25** – Movimento de vibração das pregas vocais.



Fonte: MARCHAL & REIS (2012, p. 69).

A segunda parte utilizada para descrever uma consoante é a faringe, onde “se realiza o cruzamento das vias aéreas e das vias digestivas” (MARCHAL & REIS, 2012, p. 90). Aqui, são distinguidos os sons orais dos nasais. Com a passagem do ar exclusivamente pela cavidade bucal através do levantamento do véu palatino, o som é classificado como oral. Quando o véu palatino encontra-se abaixado e o ar passa pela cavidade nasal, tem-se as consoantes nasais: [m, n, ŋ]. Os sons chamados nasalizados ocorrem quando a corrente de ar se divide entre as cavidades bucal e nasal.

**Figura 26** – Corrente de ar durante a produção de sons orais, nasalizados e de consoantes nasais.



Fonte: CAGLIARI (2007, p. 63)

Quanto ao ponto (ou lugar) de articulação, as consoantes são classificadas como bilabiais, labiodentais, dentais, alveolares, pós-alveolares (ou alveopalatais, ou palato-

alveolares), palatais, velares ou glotais. Bilabiais, como a nomenclatura indica, são os sons articulados no encontro do lábio inferior com o superior, formando uma total oclusão de maneira a bloquear a passagem do ar. As consoantes bilabiais são: [p, b, m]. As labiodentais são aquelas produzidas pelo encontro do lábio inferior com os dentes superiores. São elas: [f, v]. Já as dentais constituem-se das consoantes articuladas pelo encontro da língua com os dentes superiores e a região intermediária entre os alvéolos superiores. As dentais são [t, d, n]. Os sons alveolares são formados no encontro da parte anterior da língua com a região alveolar. São eles: [r, r, s, z, l]. As pós-alveolares são formadas quando a parte anterior da língua encontra a parte medial do palato duro. São consoantes pós-alveolares: [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ]. Os sons chamados palatais são produzidos no encontro da parte média da língua com a parte final do palato duro. Aqui temos: [ɲ, ʎ]. Já os velares ocorrem com o encontro da língua com o véu palatino ou palato mole, obstruindo a passagem do ar. As consoantes velares são: [k, g, x]. E, finalmente, tem-se as consoantes glotais, formadas quando os músculos da glote se comportam como articuladores. As glotais são: [h, ɦ].

De acordo com o modo de articulação, determina-se se a consoante é oclusiva, fricativa, africada, tepe, retroflexa ou lateral. “A maneira ou modo de articulação de um segmento está relacionada ao tipo de obstrução da corrente de ar pelos articuladores durante a produção” (SILVA, 2010, p. 32). Na oclusiva, ocorre uma total obstrução da corrente de ar no fechamento dos órgãos articuladores. Os sons oclusivos são: [p, t, k, b, d, g, m, n, ɲ]. As consoantes fricativas (foco do presente estudo) são formadas por uma fricção durante a passagem da corrente de ar no estreitamento entre dois articuladores. São elas: [f, s, ʃ, v, z, ʒ, x, h, ɦ]. Na combinação de uma consoante oclusiva com uma fricativa, tem-se as chamadas africadas. As africadas são: [tʃ, dʒ]. O tepe é formado com um único e rápido encontro da língua com os alvéolos dos dentes incisivos. Trata-se do som: [ɾ]. Para a produção de uma consoante retroflexa, normalmente ocorre o levantamento e encurvamento da ponta da língua na direção do palato duro. A consoante retroflexa é: [ɻ]. Já as laterais são produzidas com uma obstrução no centro da boca, fazendo com que a corrente de ar escape pelos lados, que se mantêm livres. As laterais são: [l, ʎ].

Apresentadas as bases fonético-fonológicas, passa-se a tratar de um recorte teórico específico: a Fonologia Natural.

### 2.2.1 Fonologia Natural

O estudo e a conceituação da chamada Fonologia Natural surgiram com o pesquisador David Stampe e seus principais seguidores, Patricia Jane Donegan e Roderick Goman, no início da década de 1970. Essa teoria surgiu para ampliar a abrangência das explicações até então fornecidas pela fonologia gerativa apresentada por Noam Chomsky poucos anos antes. Nas palavras de Donegan & Stampe (1979):

It may be objected that if universal grammar is innate, as Chomsky has proposed (1965), then we would have an explanation of language universals. **We do not think, though, that linguists find this satisfying**, any more than someone asking why man walks erect would be satisfied by the answer that erect stance is an innate trait of man. We might as well be told that it is God-given. The issue of innateness, despite all the debate it has aroused, is entirely beside the point. What we want to know, whether the trait is innate or whether it is universally acquired, is *why*: the question, like the questions that guided Darwin, is a question of *value*.<sup>2</sup> (p. 129, grifo negro nosso)

Em sua dissertação de doutorado, Stampe (1973, p.1) apresenta o processo fonológico natural como sendo uma operação mental que aplica, na fala, a substituição de uma classe ou sequência de sons que apresentam uma determinada dificuldade na capacidade de fala do indivíduo por uma classe de sons idêntica, porém, sem a propriedade difícil da que fora substituída. Ou seja, para sanar determinada dificuldade de produção fonética, o indivíduo acaba por desenvolver mentalmente uma substituição por sons ‘parecidos’ que sejam mais ‘fáceis’ de produzir. Ele explica ainda que “Although phonological substitution is a **mental operation**, it is clearly **motivated by the physical character** of speech—its neuro-physiological, morphological, mechanical, temporal, and acoustic properties.<sup>3</sup>” (Idem, p. 6, grifo nosso).

O autor apresenta duas formas diferentes de substituição: as Regras Aprendidas e os Processos Naturais. Enquanto as regras são obrigatórias, conscientes, aprendidas e

---

<sup>2</sup> Pode-se objetar que, se a gramática universal é inata, como Chomsky propôs (1965), então teríamos uma explicação dos universais linguísticos. **Nós não pensamos, no entanto, que os linguistas achariam isto satisfatório**, mais do que alguém perguntando por que o homem anda ereto ficaria satisfeito com a resposta de que a postura ereta é uma característica inata do homem. Podem muito bem também nos dizer que isto é uma característica dada por Deus. A questão do inatismo, apesar de toda a discussão que tem gerado, é totalmente irrelevante. O que nós queremos saber, independentemente se a característica é inata ou universalmente adquirida, é *por quê*: a questão, assim como as questões que nortearam Darwin, é uma questão de *valor*. (tradução nossa)

<sup>3</sup> Embora a substituição fonológica seja uma **operação mental**, ela é claramente **motivada pelo caráter físico** da fala – suas propriedades neuro-fisiológica, morfológica, mecânica, temporal e acústica. (tradução nossa)

invariáveis, os processos são opcionais, inconscientes, naturais e variáveis. Dentro desses processos, Donegan & Stampe (1979 p. 142) distinguem três tipos:

a) *Prosodic processes*, que mapeiam palavras, frases e orações em estruturas prosódicas com padrões rudimentares de ritmo e entonação. Na medida em que a silabação, a acentuação, o tempo, o tom e o estilo não são dados na questão linguística, eles são determinados pelo mapeamento prosódico, o que pode mais facilmente ser descrito como uma operação em processamento de voz em tempo real na qual a transformação das frases em verso ou música são casos especiais.

b) *Fortition processes* (também conhecidos como processos centrífugos, de fortalecimento ou paradigmáticos), que enfatizam ou fortalecem as características salientes dos segmentos individuais e/ou o seu contraste com segmentos adjacentes. Eles invariavelmente têm uma teleologia perceptual, mas muitas vezes tornam os segmentos que eles afetam mais pronunciáveis e mais perceptíveis. Dissimilações, ditongações, silabações e epênteses são processos de *Fortition*. Alguns processos de *Fortition* podem ocorrer independentemente do contexto, mas são particularmente favorecidos em posições ‘fortes’.

c) *Lenition processes* (também chamados de processos centrípetos, de enfraquecimento, ou sintagmáticos), que têm uma teleologia exclusivamente articulatória, tornando segmentos e sequências de segmentos mais fáceis de pronunciar através da diminuição da ‘distância’ articulatória entre as características do próprio segmento ou dos segmentos adjacentes. Assimilações, monotongações, dessilabações, reduções e apagamentos são processos de *Lenition*. Processos de *Lenition* tendem a ser sensíveis ao contexto e/ou à prosódia, ocorrendo especialmente em posições ‘fracas’.

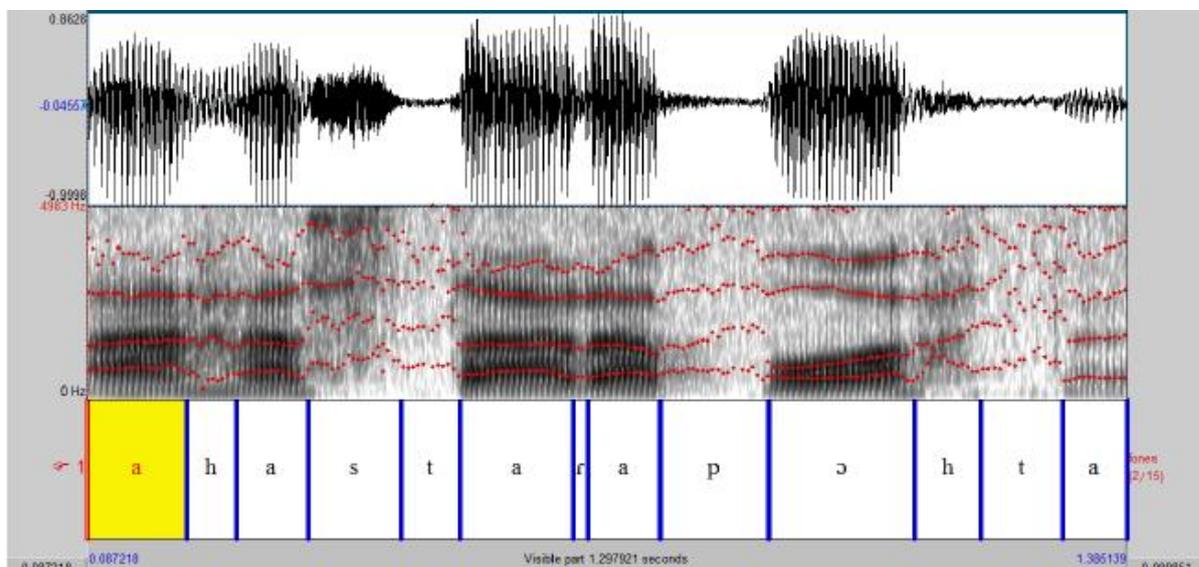
O estudo aqui proposto trata de um fenômeno que envolve um processo de *lenition* na substituição das demais fricativas pela glotal, bem como no próprio comportamento da fricativa glotal em relação aos segmentos vizinhos, conforme apresentado no tópico seguinte.

### 2.3 O FENÔMENO EM ESTUDO: A SUBSTITUIÇÃO DAS DEMAIS FRICATIVAS PELA GLOTAL

Dentre as consoantes do Português Brasileiro (cf. 2.2), a que é objeto neste trabalho é, especificamente, a fricativa glotal surda e sonora [h, h̥] quando em substituição às demais fricativas [f, s, ʃ, v, z, ʒ]. Neste tópico, apresentam-se algumas características do comportamento fonético-fonológico de [h, h̥] para, em seguida, mostrar um breve resumo do que se tem pesquisado sobre ela nas décadas passadas.

Ramirez (2007) aponta que a fricativa glotal “tem como característica apresentar os seus formantes seguindo o curso formântico tanto das vogais precedentes como das antecedentes.” (p. 394). Confirmando esse autor, Stein (2011) utiliza-se do programa computacional chamado Praat, que mostra o espectrograma do *continuum* dos sons da fala, para afirmar que “há uma tendência a que o comportamento acústico da fricativa glotal se assemelhe ao das vogais adjacentes, (...) tanto em ataque quanto em coda silábica.” (p.64).

**Figura 27** – Oscilograma e espectrograma, com alinhamento sonoro, representando a pronúncia de ‘arrastar a porta’ por um informante da cidade de Castelo-ES.



Fonte: STEIN (2011, p. 64).

Silva (2010) explica que “sendo a fala um contínuo, observamos que um segmento pode ser alterado por um segmento que o precede ou que o segue.” (p. 117). Isso ocorre devido ao processo chamado *assimilação*. Por assimilação entende-se “a alteração envolvendo um fonema que decorre da influência exercida por outro fonema vizinho de som igual ou semelhante.” (MARTELOTTA, 2011, p. 19). Tem-se, portanto, que teoricamente alguns contextos fonéticos propiciam a substituição de [f, s, ʃ, v, z, ʒ] por [h, h̃]. Neste trabalho, adota-se a representação fonética das glotais surda e sonora de acordo com a visão de Stein (2011). Investiga-se, então, se realmente ocorre esse fenômeno com as seis fricativas ou apenas com algumas delas.

Cunha (1986), ao estudar fenômenos fonéticos de inovações e conservadorismos no Português Brasileiro, identificou como algumas das inovações: “a aspiração que substitui o [v] em áreas do Nordeste ([a ʰi<sup>a</sup>] por *havia*, [ ʰãmu<sup>s</sup>] por *vamos*)<sup>56</sup>; a passagem também do [ʒ]

e do [z] antes de vogal palatal, atestada na linguagem rústica de povoações cearenses ([ˈhẽtʃí] por *gente*, [faˈhẽdʲa] por *fazenda*)” (p. 710). Ilari e Basso (2006) mostram, dentre outros traços de pronúncia regional, a velarização de /v/ e /z/ como /h/ em início de palavra e usam dois exemplos também utilizados por Cunha: *vamos* pronunciado [ˈhamʊ] e *gente* pronunciado [ˈhẽtʃi].

Naro (2010) aponta a espirantização das sibilantes na fala do Rio de Janeiro como sendo “praticamente limitada aos itens *mesmo* [mehm<sup>h</sup>] e *gente* [henʃ<sup>h</sup>].” (p. 43). Nesse mesmo falar do Rio de Janeiro, observa-se em Brandão (2012) um estudo da variável /S/ em que a autora apresenta, dentre as possíveis realizações, o uso da fricativa glotal como estando “presente em todos os falares” (p. 230) e acrescenta ao exemplo de *mesmo* [ˈmefi.mo] também a palavra *desde* [ˈdeɦ.dʒi]. A respeito de outros estudos realizados no Brasil, Rodrigues (2012) faz um apanhado geral dos autores que tratam dessa substituição. Resume-se o apanhado da autora nos dois parágrafos seguintes (mantendo a grafia dos exemplos por ela utilizada).

Aguiar (1937) observou, no estado do Ceará, a ocorrência do *r* velar substituindo: *j*, como em *hente* (gente), *hiro* (giro), *hanela* (janela), *hogar* (jogar), e *humento* (jumento); *s*, antes de *d* e de consoante nasal, como em *ur-dia* (os dias), *derde* (desde), *mermo* (mesmo), *ur-nome* (os nomes); *v*, como *estaha* (estava), *ahia* (havia), *hamo* (vamos), *cahalo* (cavalo); e *z*, como em *fahê* (fazer), *fahia* (fazia), *fahenda* (fazenda). Macambira (1987) marca os exemplos de uso de **carralo rei** no lugar de **cavalo velho**, e de **rambora** no lugar de **vambora** em algumas regiões cearenses. Roncarati (1999) detectou que: a distância 1 da tônica antecedente favorece a aspiração e está associada à desinência *-ava* do imperfeito (*botaha no curral*) e aos itens *mesmo* e *gente* (*mehmo* e *hente*); as consoantes /l, n, d, m/ são mais favorecedoras da aspiração e associam-se aos dos itens *mais* (*maih ligado*, *maih novo*, *gosta maih de ler*) e *mesmo* (*mais esses mehmo*); o /z/ tem como item lexical mais usado com a fricativa glotal o advérbio *há* (já).

Alencar (2007), em um estudo dos róticos na fala de Fortaleza, observou a ocorrência da glotal nas fricativas vozeadas, em determinados contextos. Concluiu que o fenômeno envolvia: /v/ em posição inicial e medial, em nomes e verbos, era mais frequente com a vogal /a/, e tinha o maior número de ocorrências com a desinência *-ava* do imperfeito (como em *brinca[ɦ]am*) e com as formas verbais de IR (como em *[ɦ]amos*); /z/ em posição medial, antes de consoante vozeada (como em *me[ɦ]mo*, *de[ɦ]de*) e, em posição final, seguida de vogal ou de consoante vozeada (como em *fai[ɦ] muita*); /z/ em posição inicial, sendo mais frequente com as vogais /a/ e /ẽ/ (como em *[ɦ]á* e *[ɦ]ente*). Aragão (2009), na fala cearense, concluiu

que os fatores internos que mais marcaram foram: vogal seguinte (ex.: cavalo [kaˈfalo], [preñas]); posição inicial (ex.: vamos [fãmus], jumento [humêtu]) e posição medial (ex.: mesmo [mefmo], inverno [ĩhɛfnɔ]).

Como se pode observar, algumas localidades brasileiras já foram contempladas com esse tipo de estudo. No Amazonas, no entanto, não se encontra nenhuma pesquisa que apresente diretamente a substituição tratada aqui. Objetivava-se, inicialmente, atender à necessidade de abranger o estado inteiro, porém, devido à brevidade do prazo para esta pesquisa (24 meses do programa de pós-graduação em nível de mestrado), o estudo foi limitado à capital amazonense, a cidade de Manaus (cf. 1).

### 3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Este tópico tem por finalidade apresentar a fundamentação e os procedimentos metodológicos utilizados para investigar a substituição das fricativas pela glotal na fala manauara, percorrendo o caminho desde a seleção de informantes, passando pela elaboração e aplicação dos meios de coleta de dados, até a transcrição e a apresentação do *corpus*.

Conforme dito anteriormente, o trabalho de pesquisa está baseado nos procedimentos dialetológicos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista e, para a explicação do fenômeno observado, foram selecionados os princípios da Fonologia Natural de David Stampe (1973). É preciso, também, ter em mente que se trata aqui de uma pesquisa quantitativa, uma vez que a unidade de análise sociolinguística é quantitativa por natureza. Camacho (2008) explica que isso se dá devido ao fato de que “a relevância metodológica das variantes que constituem uma variável é determinada pela frequência percentual de cada uma em relação aos diferentes fatores que as condicionam.” (p. 61). Portanto, os procedimentos metodológicos utilizados trabalham exatamente em função dessa característica.

#### 3.1 INFORMANTES

Por se tratar de uma pesquisa científica, é importante que o perfil do informante seja “claramente delineado com vistas a estabelecer-se um perfeito controle de variáveis que permitam, com menor margem de desvios, a intercomparação dos dados recolhidos”. (FERREIRA & CARDOSO, 1994, p. 27). No presente trabalho, procura-se manter este controle rígido das variáveis extralinguísticas de forma a assegurar a acurácia desejada. A seleção dos informantes para uma pesquisa desta natureza deve levar em conta duas questões básicas e importantes, conforme apresenta Brandão (1991): o número e os critérios é que devem nortear a escolha desses informantes.

A respeito da quantidade de entrevistados necessários em um estudo sociolinguístico, não há um número exato e definido. Tarallo (2007) explica que “a representatividade do *corpus* (isto é, do material selecionado para a análise) será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo em questão.” (p. 20). Definiu-se, para esta pesquisa, o número total de 24 informantes, de maneira a contarmos com 02 informantes em cada cruzamento de variáveis (cf. Quadro 2).

Quanto aos critérios de seleção, observam-se as características socioculturais dos informantes a fim de analisar a possível influência de cada fator sobre o fenômeno em estudo. O estudo baseia-se especialmente nos princípios tradicionais da Geolinguística com amparo

nos princípios da Sociolinguística para definir os requisitos dos informantes que participaram da pesquisa:

a) naturalidade, com precisão do local de nascimento – todos os informantes são nascidos na cidade de Manaus-AM, uma vez que buscamos aqui investigar a fala manauara;

b) grau de escolaridade – 12 dos 24 informantes tinham cursado, até a data das respectivas entrevistas, até o ensino fundamental e os outros 12 tinham ensino superior, completo ou não. A primeira faixa do nível de escolaridade estabeleceu-se a partir de Labov (2008) que nos diz que “Quanto à educação, há uma nítida ruptura no comportamento linguístico (...): a conclusão do primeiro ano do ensino médio.” (p. 144), enquanto a segunda faixa foi estabelecida com o objetivo de investigar a influência do nível superior de ensino sobre a variável em questão;

c) faixa etária – 08 informantes entre 18 e 35 anos, 08 entre 36 e 55 anos e 08 de 56 anos em diante. A divisão das três faixas utilizadas segue a proposta apresentada no ALAM (CRUZ, 2004);

d) gênero ou sexo – selecionamos 12 informantes do gênero masculino e 12 do gênero feminino;

e) domicílios (cidades) e período de permanência em cada um deles – os informantes selecionados, até as entrevistas, não tinham se afastado da cidade de Manaus por mais de 1/3 da vida (especialmente nos sete primeiros anos);

f) viagens efetuadas e duração de cada uma delas – eliminamos, aqui, os candidatos a informante que haviam feito viagens muito longas e recentes, a fim de evitar influência de outros dialetos regionais;

g) naturalidade dos pais e do cônjuge (se houvesse) – também nascidos na cidade investigada.

h) condições de fonação – os entrevistados apresentavam boas condições de fonação.

Um resumo do cruzamento da quantidade de informantes com as variáveis extralinguísticas controladas encontra-se no quadro abaixo.

**Quadro 1** – Distribuição dos informantes conforme os principais critérios socioculturais.

<b>Faixa etária</b>	18 – 35 anos		36 a 55 anos		56 em diante	
<b>Gênero</b>	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
<b>Escolaridade</b>						
Até o ens. fundam.	02	02	02	02	02	02
Nível superior	02	02	02	02	02	02

Fonte: Autoria própria.

A maior dificuldade encontrada pela pesquisadora na busca pelos informantes foi a faixa etária de 56 anos em diante, uma vez que a cidade de Manaus, conforme mencionado anteriormente (cf. Capítulo 2), começou um crescimento demográfico mais intenso há relativamente pouco tempo, o que torna mais raro encontrar pessoas dessa faixa cujos pais sejam nascidos aqui. Notou-se que, a maioria das pessoas abordadas como possíveis informantes eram de Manaus, porém pelo menos um de seus pais provinha de municípios do interior do estado.

### 3.2 COLETA DE DADOS

Tratando da coleta de bons dados na pesquisa linguística, Labov (2008) nos diz que:

Não importa que outros métodos possam ser usados para obter amostras da fala (sessões em grupo, observação anônima), a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática. (p. 244)

Dentro dessa escolha de conduzir entrevistas individuais, Cardoso (2010) aponta duas possibilidades: a aplicação de questionário e o registro de conversa livre. A autora explica que o tipo de método a aplicar “está condicionado à natureza da pesquisa a ser desenvolvida e aos objetivos que se deseja atingir. Em qualquer situação, porém, é preciso não perder de vista a adequação à área pesquisada [local].” (p. 95). Tendo em vista a necessidade específica de se pesquisar as demais fricativas a fim de determinar quais são substituídas pela glotal, optou-se pelo questionário como fonte principal para garantir todas as seis possibilidades.

As entrevistas foram realizadas individualmente, estando geralmente presentes apenas entrevistadora e informante. A seleção aleatória dos treze bairros em que ocorreram as gravações contemplou os seguintes: Campos Elíseos, Centro, Chapada, Cidade Nova, Distrito

Industrial, Nossa Senhora das Graças, Ouro Verde, Ponta Negra, Redenção, Santo Agostinho, São Francisco, São Jorge, Tarumã. Os locais e horários eram normalmente determinados pelo próprio informante, tendo sido conduzidas entrevistas nos turnos matutino, vespertino e noturno em locais diversos, tais como sala de aula, escritório, cozinha, templo religioso, entre outros. Procurou-se, sempre que possível, isolar ao máximo os sons dos ambientes para uma melhor percepção das produções dos falantes. As entrevistas foram gravadas através de um aparelho celular de modelo iPhone 4S cujas gravações resultam em áudios de excelente qualidade.

Antes, porém, da coleta de dados em si, eram cumpridas duas etapas necessárias. Primeiramente, preenchia-se uma *ficha do informante* (cf. Anexo A) com dados socioculturais para que se pudesse assegurar a correta seleção dos informantes e evitar esforços desnecessários em caso de posterior descoberta de incompatibilidade com os pré-requisitos. Outras informações também eram registradas na ficha, uma vez que devem ser observadas também as características psicológicas e

de fonação do informante atentando-se para problemas fonoarticulatórios (por exemplo, gagueira), não integridade do aparelho fonador (ausência de dentes) e o tipo de reflexo que acarreta na sua elocução para, em caso de interferência, não serem tomados para a investigação linguística. (CARDOSO, 2010, p. 95)

Tendo o informante em potencial preenchido todos os requisitos, era cumprida a segunda etapa em que o informante assinava (ou marcava a digital, no caso dos analfabetos) um *termo de autorização* (cf. Anexo B) no qual o informante autorizava a gravação e utilização dos dados coletados na entrevista, sendo também devidamente informado que poderia retirar-se da pesquisa a qualquer momento sem prejuízo e sem necessidade de justificativa.

Para a aplicação dos passos seguintes, a coleta de dados propriamente dita, deparou-se com o conhecido *paradoxo do observador*. Sabe-se que “o grau de reflexão [sobre as formas linguísticas] é proporcional ao grau de formalidade da situação interacional: quanto menos coloquiais as circunstâncias, tanto maior a preocupação formal.” (CAMACHO, 2008, p. 60). Dentro desse paradoxo, Macedo (2010) explica:

o linguista precisa descrever a linguagem em seu contexto natural de uso e depara-se com a contradição de que, ao fazê-lo, cria uma situação em que os falantes se sentem observados, por anotações em entrevistas, em gravações, videoteipes e outros meios, deixando de apresentar um comportamento totalmente natural. (p. 60)

Como, então, fazer para coletar dados em situações naturais, que reflitam o real uso cotidiano da língua, se a própria presença do pesquisador já causa uma situação de maior formalidade levando o entrevistado a um maior controle de sua fala?

Tarallo (2007) sugere: “Uma primeira alternativa seria a de procurar fazer o papel do pesquisador-observador: o pesquisador que não participa diretamente da situação de comunicação.” (p. 20). O autor, em seguida, mostra que para conseguir a variável pesquisada seria necessário a intervenção do pesquisador. “O sociolinguísta, porém, sentirá a necessidade de controlar tópicos de conversa e de elicitare realizações da variável linguística em que esteja interessado. O pesquisador da área da sociolinguística precisa, portanto, participar diretamente da interação.” (idem).

Tanto quanto possível, então, procurou-se seguir o direcionamento deixado por Labov (2008) para contornar esse paradoxo, oferecendo ao informante uma situação relativamente descontraída e confortável, dentro das possibilidades. O pai da Sociolinguística variacionista sugere que “uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja.” (p. 244). Dessa forma, foram conduzidas 24 entrevistas, divididas em três partes: um questionário fonético-fonológico com perguntas que levavam a respostas específicas, uma lista de frases contendo vocabulário específico, e um texto contendo também vocabulário específico, todos de nossa autoria.

### 3.2.1 Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

O *Questionário Fonético-Fonológico* (QFF) elaborado para esta pesquisa visava elicitare dos informantes vocábulos que contivessem, na variante padrão, as consoantes fricativas, a fim de verificar se ocorreria ou não a substituição delas pela glotal [h, fi]. O QFF foi composto de 36 perguntas, sendo 05 perguntas contemplando a fricativa labiodental surda [f], 06 com a alveolar surda [s], 06 com a labiodental sonora [v], 06 com a alveolar sonora [z], 06 com a pós-alveolar sonora [ʒ] e 07 com a pós-alveolar surda [ʃ], em diversas posições silábicas. Algumas perguntas necessitaram do apoio de imagens apresentadas ao informante e outras, de perguntas secundárias nos casos em que o informante não produzia o vocabulário desejado na primeira tentativa. Um exemplo de pergunta para cada fonema pode ser observado abaixo:

QFF02. AFOGA/AFOGAR

Quando a pessoa cai no meio do rio e não sabe nadar, o que acontece com ela?

QFF09. LESTE

Quais são as zonas de Manaus? / Quais são os pontos cardeais?

QFF15. ESTAVA/TAVA

Você pode contar uma história engraçada que você passou fora de casa?

QFF20. AZEDO

Como é o sabor do limão?

QFF25. GENTE

Você pode contar uma história engraçada que aconteceu com você e sua família?

QFF30. CHÁ

Como se chama a bebida que é feita cozinhando uma planta (de mate, camomila, erva-doce...)?

A lista completa das perguntas encontra-se no Apêndice A desse trabalho. Nem todas as perguntas do QFF foram respondidas por todos os entrevistados com a palavra esperada, mesmo após diversas tentativas de conseguir o mesmo vocabulário. Para sanar tais lacunas na tabela de transcrições resultante, previamente imaginou-se a possibilidade deste acontecimento e elaborou-se mais duas formas (cf. 3.2.2), embora não as melhores, para assegurar que os falantes produzissem as palavras específicas.

Destaca-se que não são as melhores porque, na leitura, o nível de automonitoramento do informante tende a ser mais alto. Qualquer pesquisa sociolinguística que investigue a fala almeja estudar o vernáculo, apresentado por Tarallo (2007) como sendo “a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação.” (p. 19). Nos momentos de leitura, há uma necessidade maior de atenção. Este recurso foi utilizado apenas para os casos em que realmente não foi possível obter as respostas de maneira ‘mais natural’.

### 3.2.2 Lista de Frases e Texto

Logo após a aplicação do QFF, era pedido aos entrevistados (alfabetizados) que lessem uma Lista de Frases que continham, na ordem, as mesmas palavras esperadas nas

respostas do questionário. Mostram-se aqui dois exemplos de frases, e as demais encontram-se no Apêndice B.

07. Eu limpei a casa mais ou menos.

10. Um é pouco, dois é bom, três é demais.

Seguindo a leitura da lista, os informantes liam um texto elaborado pela pesquisadora e intitulado ‘Zé do Chinelo’ com uma anedota contada em forma coloquial. O texto, encontrado no Apêndice C deste trabalho, apresenta também todas as palavras esperadas no QFF.

### **3.2 Manuseio e transcrição dos dados**

Os dados foram transcritos com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional – IPA e tabulados através do programa Excel do Windows. As transcrições foram apresentadas em forma de quadros e os resultados foram em forma de gráficos em coluna e pizza (cf. 4).

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Antigamente, nos estudos linguísticos, priorizavam-se as entrevistas com informantes de maior idade possível, com o menor nível de escolaridade e, de preferência, que não vivessem em um meio urbano. Com os avanços da metodologia e das técnicas de compreensão das relações entre a língua, o espaço geográfico e os fatores sociais, passou-se a abranger as variáveis estudadas e interpretadas nas pesquisas dialetais. Cardoso (2010) aponta que “Já não são prioritários, hoje, os informantes mais idosos, analfabetos, e de origem rural; passam a interessar, nas mesmas proporções, informantes urbanos, com maior grau de escolaridade, de diversificadas faixas etárias.” (p. 66).

Tendo isso em mente é que a presente pesquisa, através da criteriosa seleção de informantes (cf. 3.1), foca sua análise em três principais variáveis sociais, dando voz a informantes de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e aos gêneros masculino e feminino, conforme sugerem os princípios sociolinguísticos: “se pode associar à distribuição diatópica a presença maior ou menor de ocorrência do fenômeno segundo o uso documentado, seja por classes socialmente distintas, seja por falantes de gênero e idade diferenciados” (Idem, p. 64).

Ao levar em conta tais fatores, cabe a esta pesquisa “não só apresentar os dados coletados, mas a interpretá-los” (Idem). Acompanha a apresentação dos dados, então, uma breve análise para cada subtópico. Apresenta-se, primeiramente, o resultado puramente linguístico com a frequência das fricativas substituídas. Em seguida, tratam-se os dados separados por cada uma das variáveis sociais.

Para facilitar a análise e manter o sigilo em relação aos nomes dos informantes, os mesmos foram codificados da seguinte maneira: Uma letra para indicar o gênero, uma letra indicativa da faixa etária, uma para o nível de escolaridade, e um número para indicar o informante do cruzamento de variáveis.

**Quadro 2** – Códigos de identificação dos informantes.

<b>Código</b>	<b>Correspondente do código</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Detalhamento dos exemplos</b>
<b>M</b>	<b>Masculino</b>	MAX1	Primeiro homem entre 18 e 35 anos com até o ensino fundamental.
<b>F</b>	<b>Feminino</b>	FBY2	Segunda mulher entre 36 e 55 anos com ensino superior.
<b>A</b>	<b>18 a 35 anos</b>	FAX1	Primeira mulher entre 18 e 35 anos com até o ensino fundamental.
<b>B</b>	<b>36 a 55 anos</b>	MBY2	Segundo homem entre 36 e 55 anos com ensino superior.
<b>C</b>	<b>56 anos em diante</b>	MCX1	Primeiro homem de 56 anos ou mais com até o ensino fundamental.
<b>X</b>	<b>Até o ensino fundamental</b>	FCX2	Segunda mulher de 56 anos ou mais com até o ensino fundamental.
<b>Y</b>	<b>Ensino superior completo ou não</b>	MCY1	Primeiro homem de 56 anos ou mais com ensino superior.
<b>1</b>	<b>Primeiro informante</b>	FCY1	Primeira mulher de 56 anos ou mais com ensino superior.
<b>2</b>	<b>Segundo informante</b>	FCY2	Segunda mulher de 56 anos ou mais com ensino superior.

Fonte: Autoria própria.

#### 4.1 RESULTADO GERAL

Para a tabulação geral do resultado, foram levados em conta todos os vocábulos em que houve a ocorrência do fenômeno aqui estudado. O quadro abaixo apresenta a lista lexical e, para cada palavra, a forma não padrão produzida por algum informante.

**Quadro 3** – Itens lexicais com exemplo de produção não padrão.

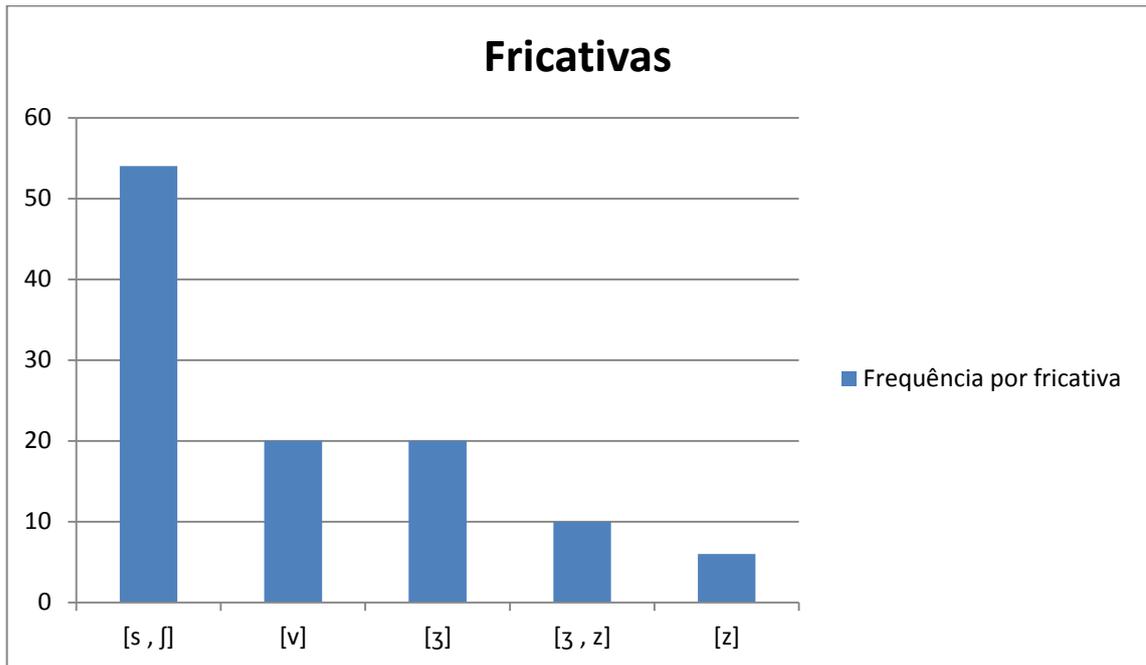
<b>Léxico</b>	<b>Produção não padrão</b>	<b>Informante</b>
mesmo	[ˈmefimo]	FCX1
mais	[ˈmayfi]	FBX1
dois	[ˈdoyfi]	FAY2
leste	[ˈlɛstɛfi]	FCY1
três	[ˈtreyfi]	FCX2
vai	[ˈfiay]	MAX1
estava (tava)	[ˈtafɛ]	MAY2
coisa	[ˈkoyfɛ]	MCX1
vegetal	[vɛfɛˈtaw]	MCX2
a gente	[ɛˈfiɛfi]	MBX2

Fonte: Autoria própria.

Respondendo a primeira pergunta desta pesquisa de quais fricativas são substituídas pela glotal, constatou-se que apenas uma não foi substituída na fala de nenhum informante, a consoante [f]. Todas as outras foram substituídas, com maior ou menor frequência. Elaborou-se, então, um gráfico que aponta a ordem decrescente do fenômeno para cada fricativa. Observe-se que [s] e [ʃ] aparecem juntas no gráfico por se encontrarem, nos itens lexicais utilizados, como formas concorrentes. Já [ʒ] e [z], aparecem tanto separadas, quando em contexto de realização própria, quanto juntas, quando em contexto de formas concorrentes.

Tem-se que o primeiro lugar na realização do fenômeno é de [s, ʃ] com grande diferença em relação às demais. Com um número de 54 substituições, correspondente a aproximadamente 49,1% do total. Em segundo lugar, ambas com 20 ocorrências, estão [v] e [ʒ] com 18,2%. Em terceiro, observa-se [ʒ, z] com 10 substituições, ou seja, cerca de 9%. E, por fim, encontra-se [z] com apenas seis ocorrências, representando aproximadamente 5,5% do total.

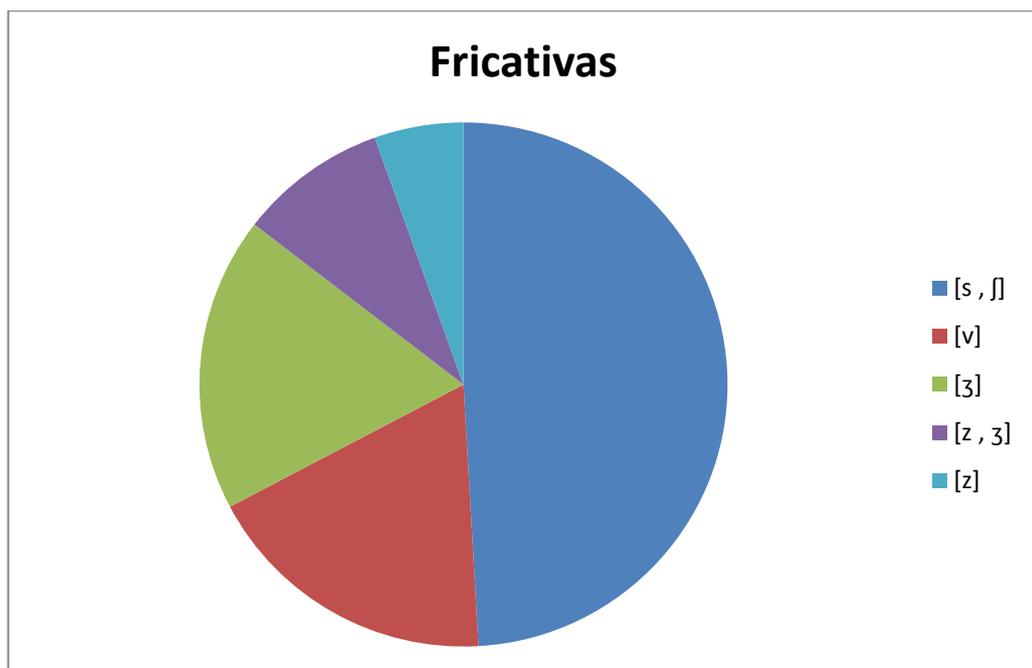
**Gráfico 1** – Colunas de frequência da realização por fricativa.



Fonte: Autoria própria.

Como forma alternativa de visualização das ocorrências, elaborou-se também uma ‘pizza’ com a divisão das realizações por fricativa substituída.

**Gráfico 2** – Frequência da realização por fricativa.



Fonte: Autoria própria.

Os quadros com as transcrições de todas as produções dos informantes que foram dirigidas pela entrevista encontram-se nos Apêndices D a G. No entanto, além das palavras especificamente selecionadas para a pesquisa, houve o registro da ocorrência do fenômeno em muitas outras palavras não previstas. Citam-se aqui os exemplos que podem ser vistos no Quadro 4 abaixo. A lista completa das palavras ‘extras’ está no Apêndice H.

**Quadro 4** – Exemplos de produção do fenômeno em palavras extras.

<b>Produção</b>	<b>Palavras extras</b>	<b>Produção</b>	<b>Palavras extras</b>
[ˈdeyhðes]	desde as	[ĩfelih̃mẽʃĩ]	infelizmente
[ˈuh̃]	os	[hẽˈpayh̃]	rapaz
[ˈelih̃]	eles	[sĩplih̃mẽʃĩ]	simplesmente
[ɛpoh̃ʃilẽz]	apostilas	[ˈɛlɛtrɔd̃mɛh̃ʃikɔz]	eletrodomésticos
[ĩveh̃ʃĩ]	investir	[tɔˈmah̃vẽ]	tomava
[kõdiˈsõỹh̃]	condições	[ɛˈlah̃ʃikɔ]	elástico
[doˈmɛh̃ʃikẽ]	doméstica	[hioˈga]	jogar
[viẽˈfia]	viajar	[noh̃ˈdɛh̃ʃĩ]	nordeste
[dih̃liˈgari]	desligarem	[ˈdɛyh̃]	dez
[ˈplah̃ʃikɔ]	plástico	[vleˈgoeỹh̃]	Alagoas
[nɛˈgɔh̃ɔ]	negócio	[mãˈnawh̃]	Manaus
[izburaˈkadɛỹh̃]	esburacadas	[ˈzõneh̃]	Jonas

Fonte: Autoria própria.

#### 4.2 VARIAÇÃO POR GÊNERO

Na questão da variação por gênero, a maioria das pesquisas tem demonstrado um peso deste fator sobre a produção dos informantes. É reconhecido, hoje, que homens e mulheres tendem a expressar-se de maneiras diferentes nos diversos níveis linguísticos. A este respeito, Paiva (2010) aponta:

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ou menor ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino. (p. 33)

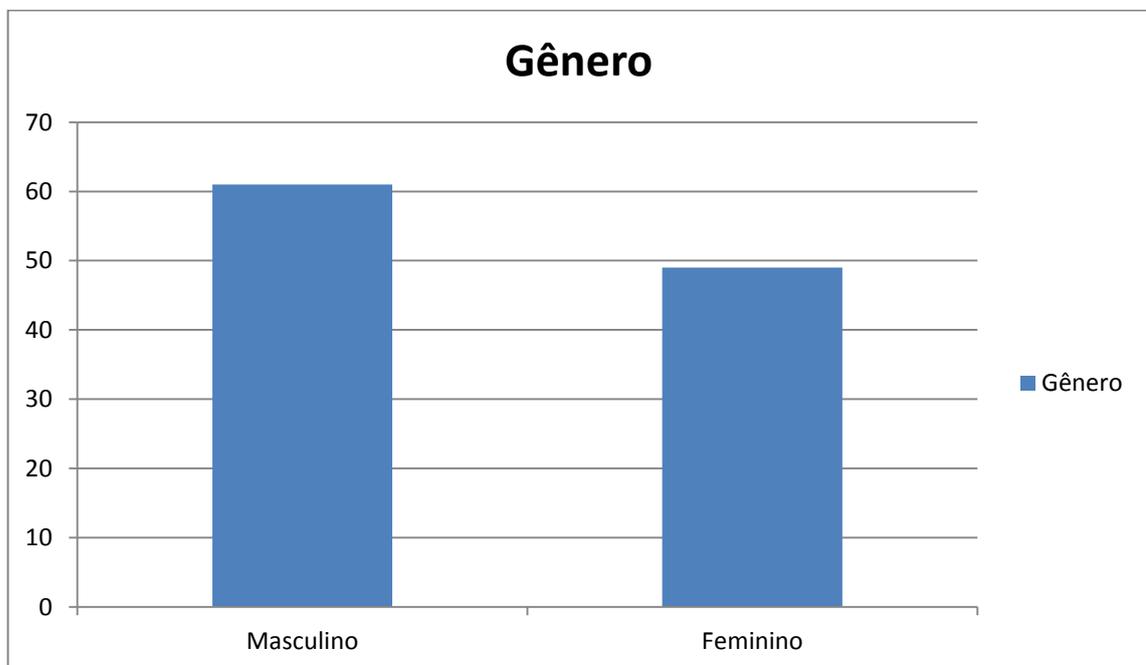
Quando se fala em construção social dos papéis feminino e masculino, há que se observar que o contexto de exposição e de produção da fala da mulher, por exemplo, se dá de

maneira diferenciada em culturas diversas. Vemos que os tratamentos recebidos desde a fase da infância, bem como a determinação de seus deveres e direitos, de uma mulher no Afeganistão e uma nos Estados Unidos são bastante diferentes. Tudo isto, pelo que os estudos da linguagem vêm mostrando, exerce influência direta sobre o falar feminino.

A consistência do padrão que aponta **o conservadorismo linguístico das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais**, que partilham diversos aspectos da organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social. (Idem, p. 35, grifo nosso).

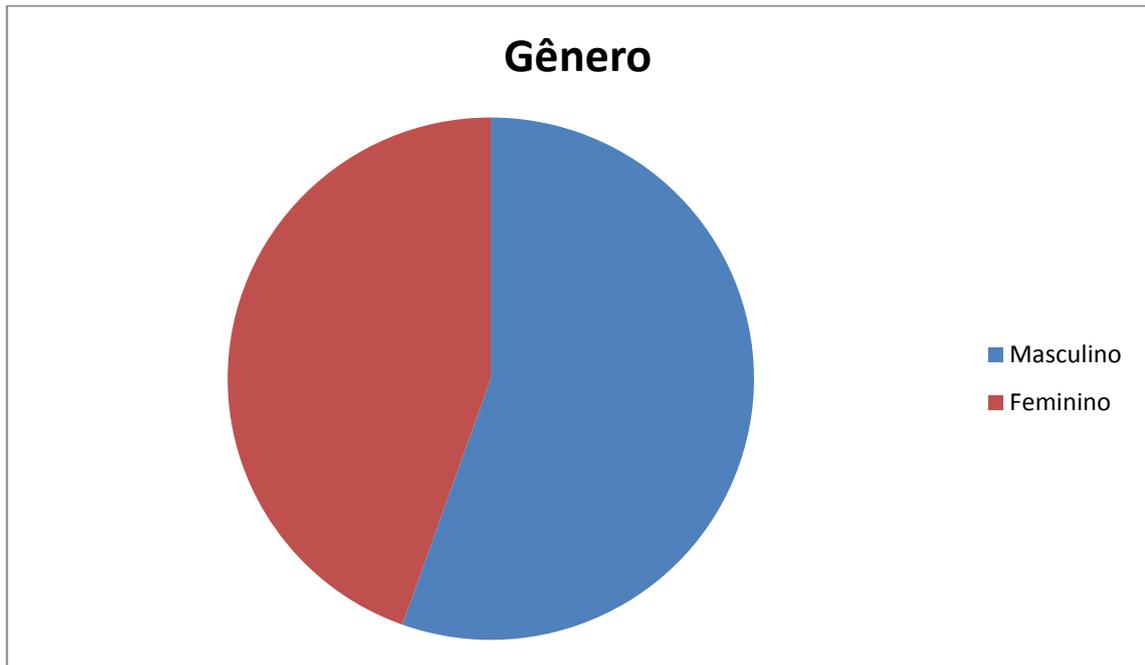
Focando nas comunidades de fala ocidentais, a evidência a que a maioria dos estudos tem chegado é de que as formas mais prestigiadas socialmente são mais usadas pelas mulheres do que pelos homens. Tais resultados não diferem dos encontrados aqui. Como se pode ver nos dois gráficos seguintes, os homens apresentaram uma maior produção do fenômeno. Com 61 realizações, eles representam cerca de 55,5% do total, ao passo que as mulheres, com apenas 49 ocorrências, representam aproximadamente 44,5%.

**Gráfico 3** – Colunas de frequência da realização por gênero.



Fonte: Autoria própria.

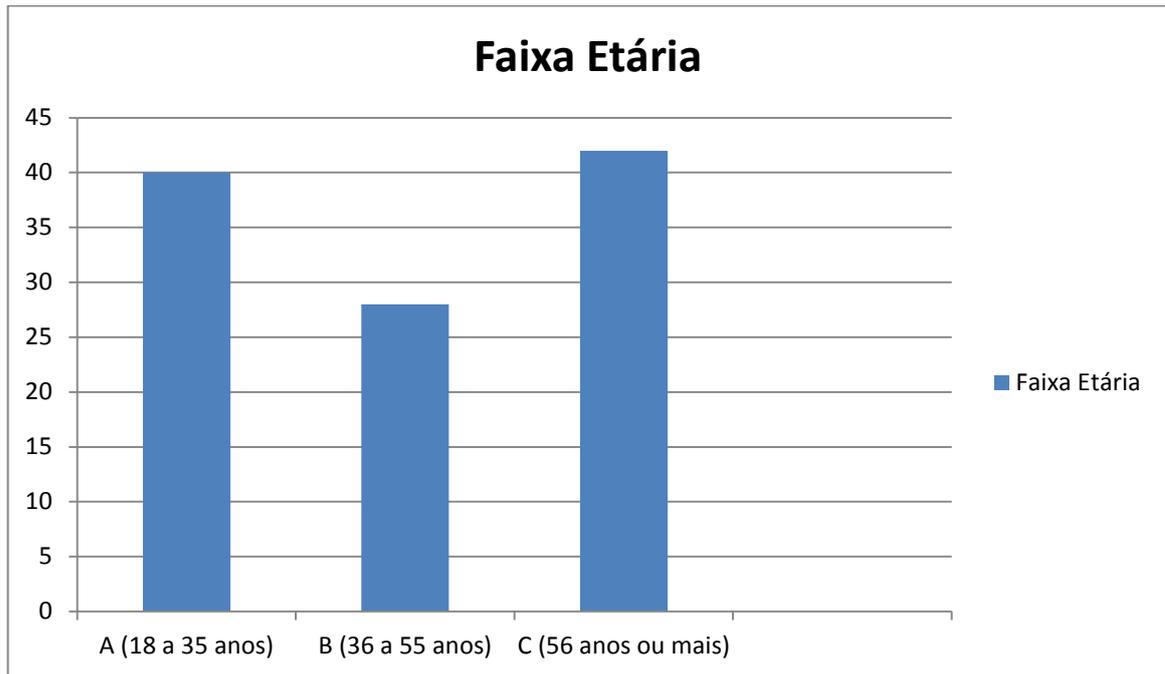
**Gráfico 4** – Frequência da realização por gênero.



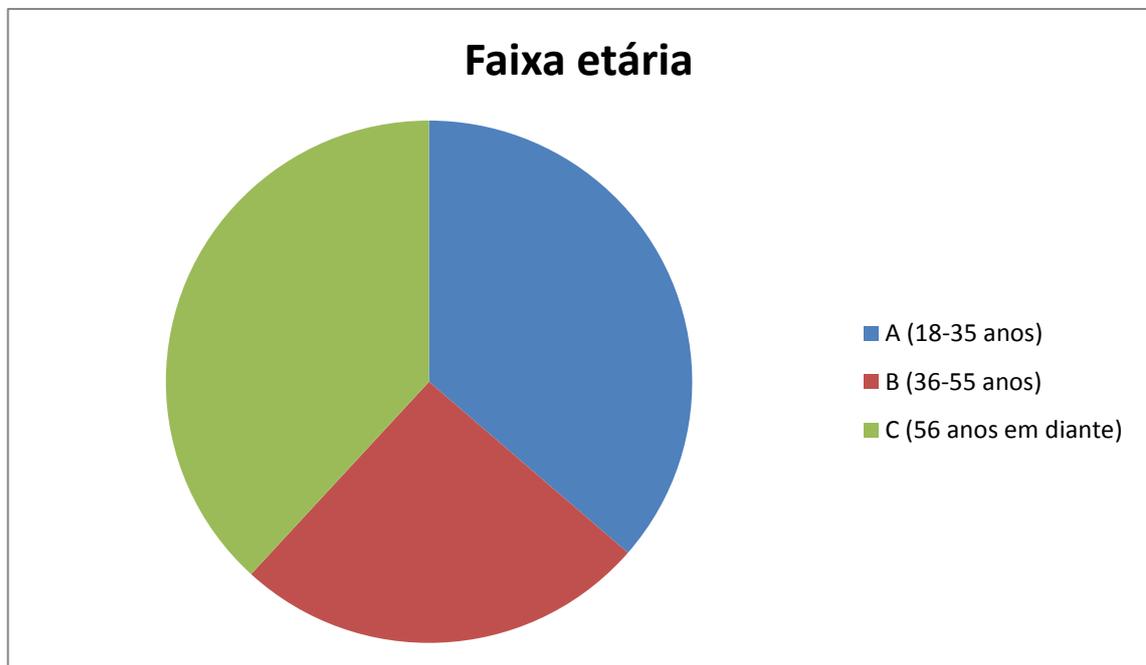
Fonte: Autoria própria.

#### 4.3 VARIAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA

Quanto à variação por faixa etária, Ilari e Basso (2006) mostram como captá-la: “A variação diacrônica é às vezes percebida comparando gerações.” (p. 152). Com isto em mente, os informantes desta pesquisa foram separados em três categorias: A – de 18 a 35 anos; B – 36 a 55 anos; e C – 56 anos em diante. Com 40 realizações, o grupo A corresponde a 36,4%. A faixa etária intermediária, com 28 realizações, representa 25,4%. Liderando o *ranking*, com 42 ocorrências do fenômeno, a terceira categoria tem 38,2% do total.

**Gráfico 5** – Colunas de frequência da realização por faixa etária.

Fonte: Autoria própria.

**Gráfico 6** – Frequência da realização por faixa etária.

Fonte: Autoria própria.

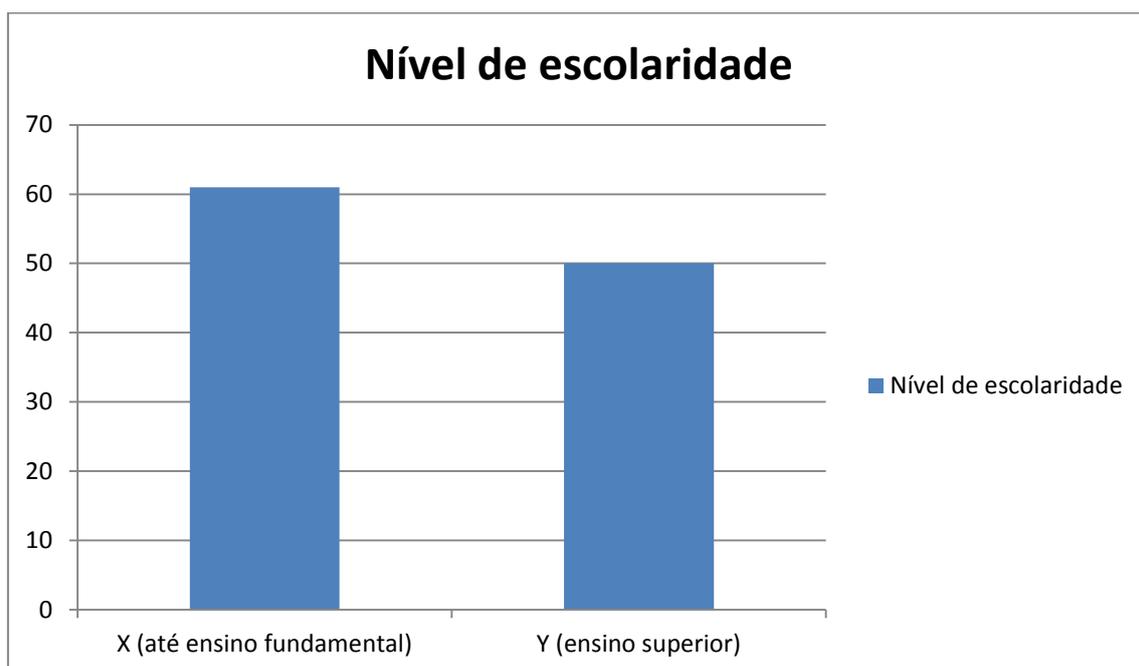
#### 4.4 VARIAÇÃO POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Ao tratar de variação por nível de escolaridade, não se pode ignorar a já detectada influência dos estudos formais na fala de diversas regiões do país. Ilari e Basso (2006) confirmam: “Encontramos [no Brasil], em compensação, uma séria diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população (que, não por acaso, é também a parte mais rica ou menos pobre) e pela menos escolarizada.” (p. 175). Diversos estudos realizados mostram um maior nível de uso da variante padrão nas produções orais dos falantes de maior escolarização. Colocando a escola em foco, Votre (2010) explica o porquê:

As formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar. (p. 51)

Nesta pesquisa, comparando os falantes entrevistados do grupo X, de nível de escolaridade até o ensino fundamental completo, e os do grupo Y, de nível superior completo ou não, observou-se que, de fato, a produção da variante não padrão apareceu mais nos falantes do primeiro grupo. Com 61 ocorrências, o primeiro nível apresenta 55,5% das produções enquanto o nível mais alto, com 49 ocorrências, corresponde a 44,5%, conforme se pode observar nos dois gráficos a seguir.

**Gráfico 7** – Colunas de frequência da realização por nível de escolaridade.



Fonte: Autoria própria.

**Gráfico 8** – Frequência da realização por nível de escolaridade.

Fonte: Autoria própria.

De acordo com a Fonologia Natural, toda substituição regular do som inclui assimilações, dissimilações, inserções, eliminações e metátese, em substituições incondicionadas, como reflexos das operações de um ou mais processos naturais que respondessem às limitações inatas da capacidade da fala humana. Os processos naturais são operações mentais, pois as substituições ocorrem no sistema nervoso central, antes de qualquer comando articulatorio.

Para Stampe e Donegan (1978), as substituições ocorrem na mente, baseadas na percepção e na articulação sonora, por isso, sempre refletem um processo físico, causado pelas dificuldades acústico-articulatórias de um processo mental.

Para esses autores, as assimilações, reconhecidas como *Lenitions* – processos de abrandamento – dependem do contexto das substituições sintagmáticas, assim, ocorrem quando uma sequência de segmentos similares é mais fácil de ser articulada por causa do contexto surdo ou sonoro. É o caso que se pode observar na substituição das fricativas surdas alveolar e pós-alveolar [s, ʃ] pela glotal, em posição de final de sílaba, quando ocorre um enfraquecimento fonético e, conseqüentemente, a possibilidade de uma variação.

Não ocorreu, na fala de nenhum dos informantes investigados nesta pesquisa, a substituição da fricativa surda labiodental [f] pela glotal. Supõe-se que isto se deva por ela se

encontrar em início de sílaba e, na maioria delas, em posição de sílaba tônica, portanto, menos favoráveis à realização do processo de assimilação.

Segundo Donegan e Stampe (1978), os processos de *Lenition* aumentam seu domínio de aplicação na fala hiperarticulada e nas posições mais fracas, como nas sílabas não tônicas. Apresenta-se, ainda, uma relação de exemplos de realização do fenômeno investigado:

Todas as palavras com as fricativas alveolares e pós-alveolares em posição de final de sílaba foram realizadas com substituição pela glotal, exceto a palavra ‘samba’, que não foi substituída nenhuma vez, certamente por estar em posição de início de sílaba.

Nos contextos de realização da labiodental sonora [v], só houve substituição em duas palavras: ‘vai’ [ˈfai] e ‘tava’ [ˈtafa], ambas em contextos sonoros.

Nos contextos de realização da fricativa alveolar sonora [z], só houve substituição na palavra ‘coisa’ [ˈkɔiʃa], sendo realizada em contexto de ditongação, portanto, assimilando essa sonorização.

Nos contextos de realização da fricativa pós-alveolar sonora [ʒ], observou-se a substituição nas palavras ‘vegetal’ [vɛʃɛˈtaw], ‘(a)gente’ [ˈhẽʒi] e ‘jeito’ [ˈheytɔ], todos realizados em ambiente sonoro.

Nos contextos de realização da fricativa pó-alveolar surda [ʃ], em início de sílaba, não ocorreu nenhuma substituição.

De acordo com os resultados sociolinguísticos apresentados nos itens 4.2, 4.3 e 4.4, os homens, os informantes da terceira faixa etária e os menos escolarizados foram os que apresentaram os níveis mais altos de realização do fenômeno observado. Os homens, por serem considerados mais utilizadores da variante não padrão; a terceira faixa etária, por apresentarem a forma mais conservadora, no caso, o uso facilitado de realização em substituição pela glotal; e os de nível de escolaridade mais baixo, por não terem tanto acesso à realização padrão proveniente de escolaridade, permanecendo, portanto, com a realização do processo de substituição – *Lenition*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Maia (2012, p. 127), o título ‘Considerações Finais’ ao invés de ‘Conclusão’ mostra que esse tipo de pesquisa nunca está concluída, pois esta é apenas uma etapa e porque foi feito aqui apenas um pequeno recorte social e temporal. O autor disse bem, uma vez que há muito ainda para se pesquisar linguisticamente, especialmente em uma área tão grande e tão pouco estudada como o Amazonas e sua capital. Além disso, a dinâmica de transformação das línguas sempre permitirá estudos comparativos entre diferentes épocas.

O desenvolvimento desta pesquisa foi feito através das seguintes etapas: a) levantamento teórico-bibliográfico; b) seleção e entrevista de 24 informantes, separados por gênero, faixa etária e nível de escolaridade; c) transcrição e análise dos dados. Através dessas etapas, foi possível investigar a produção de uma variante considerada não padrão que é encontrada na fala manauara: a substituição das demais fricativas pela fricativa glotal. Não se pretende aqui, de forma alguma, afirmar ser essa a forma predominante na fala da população da localidade como um todo, nem muito menos dizer que seja a única forma existente no falar manauara. Aponta-se, apenas, que ela ocorre, de fato, conforme mostram os registros deste trabalho.

Este trabalho não teve por escopo se aprofundar em uma análise sociolinguística, mas apresentar algumas características sociolinguísticas da ocorrência desse fenômeno estudado. Assim, a presente pesquisa pôde constatar, através do manuseio e análise dos dados, que:

- Dentre as seis consoantes fricativas observadas, apenas [f] não apresentou nenhuma substituição pela fricativa glotal.
- Ordenando decrescentemente as fricativas pelo número de realizações do fenômeno, obteve-se: [s, ʃ] (em forma concorrente) com 49,1% do total; [v] com 18,2%; [ʒ] também com 18,2%; [ʒ, z] (em forma concorrente) com 9%; e [z] com apenas 5,5% do total.
- A fala dos homens apresentou mais o uso da variante considerada não padrão, equivalendo a 55,5% do total, enquanto as mulheres produziram 44,5%. Ou seja, confirma-se aqui mais uma vez a tendência feminina à escolha do uso da variante padrão.
- Com relação às faixas etárias, encontrou-se que o grupo A, com falantes de 18 a 35 anos, produziu 36,4% das ocorrências do fenômeno, enquanto o grupo B,

de 36 a 55 anos, produziu apenas 25,4%, e o grupo C, de 56 anos em diante, foi o responsável por 38,2% das produções.

- Entre os diferentes níveis de escolaridade, o grupo X, correspondente aos falantes com até o ensino fundamental completo, foi o que realizou mais o fenômeno, com 55,5% das produções. O grupo Y, com ensino superior, completo ou não, ficou com 44,5%. Com uma diferença de 11%, pode-se ver mais ocorrências da variante não padrão nos falantes menos escolarizados, fato que já se tem observado em outros trabalhos.

De forma abrangente e baseando-se nos estudos de Stampe (1973), pode-se perceber que os resultados desta pesquisa mostram que esse processo de substituição ocorre de forma natural e inata, baseado na pronúncia de uma sequência de segmentos assimilativos. O que se pode observar é que as substituições ocorrem em contextos que provocam o enfraquecimento fonético-fonológico em um ambiente de assimilação por ensurdecimento ou sonorização, como se verifica nos exemplos citados no capítulo 4, referente à análise de dados.

Após terem sido devidamente respondidas as perguntas propostas no projeto desta pesquisa, abre-se um leque de diversas outras perguntas, hipóteses e possibilidades ainda a serem investigadas linguisticamente no Amazonas. Pretende-se, ainda, dar continuidade a esta pesquisa, com desenvolvimento de trabalhos posteriores, aproveitando-se os dados coletados em uma perspectiva sociolinguística mais aprofundada. Para esta pesquisa, o importante foi ter o registro de que esse fenômeno ocorre na capital amazonense.

Espera-se, portanto, que este trabalho possa contribuir com o desenvolvimento e o aprimoramento dos estudos linguísticos da região e que possa impulsionar outras pesquisas ainda para o enriquecimento da ciência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Martins de. **Fonética do português do Ceará**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1937.

ALENCAR, Maria S. M. de. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r̄/**. 2007. 184 p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística: parte I**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1, 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ANJOS, José Geraldo dos; PEREIRA, Jaime (orgs.). **Manaós... Uma nobre sedução**. Manaus: Muiraquitã, 2011.

ARAGÃO, Maria do S. S. de. **Aspectos Fonético-Fonológicos do Falar do Ceará: o que tem surgido nos inquéritos experimentais do Atlas Linguístico do Brasil – AliB-CE**. In: ENCONTRO NACIONAL DA APL, 19, 2003, Lisboa. Anais do XIX Encontro Nacional da APL – Programa e Resumos. Lisboa: Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, 2003.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **A variável (S) na fala do estado do Rio de Janeiro**. In: ALTINO, Fabiane Cristina (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

BRIGHT, William. **As dimensões da sociolinguística**. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Contexto, 1974.

BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística: parte II**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009. Tese de Doutorado em Letras.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARVALHO, José das Graças Barros de. **A presença portuguesa no desenvolvimento do Amazonas**. In: IGHA – INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus – História e Verdade**. Manaus: Valer/Governo Estadual, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1967.

\_\_\_\_\_. **Tradição e novidade na ciência da linguagem**. São Paulo: Presença, Ed. da USP, 1980b.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CUNHA, Celso. **Conservação e inovação no português do Brasil**. Artigo publicado na revista O Eixo e a Roda, v. 5. Belo Horizonte, 1986.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DENATRAN. **Frota de veículos – frota por municípios dezembro de 2013**. Disponível em: <<http://www.denatran.gov.br/frota2013.htm>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2014.

Dicionário Collins: inglês-português, português-inglês / HarperCollins Publishers. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DONEGAN, Patricia Jane; STAMPE, David. **The study of Natural Phonology**. In: DINNSEN, Daniel (org.). **Current approaches to phonological theory**. Hardcover, 1979.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FISHMAN, Joshua A. **A sociologia da linguagem**. In: FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Contexto, 1974.

GARCIA, Etelvina. **Amazonas, notícias da História: período colonial**. Manaus: Norma, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Anuário estatístico do Brasil 2011**. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2014.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. **332 anos de Manaus – História e Verdade**. Manaus: Valer/Governo do Estado, 2001.

IMPLURB. **Plano Diretor Urbano e Ambiental do Município de Manaus**. Diário Oficial do município de Manaus. Ano XV, Edição 3332. Manaus: 2014.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas Lingüístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARIN**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012. Dissertação de Mestrado em Letras.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LINS, Ruy Alberto Costa. **Alguns registros sobre a origem da cidade de Manaus e a definição da sua data maior**. In: IGHA – INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus – História e Verdade**. Manaus: Valer/Governo Estadual, 2001.

LYONS, John. **Lingua(gem) e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACAMBIRA, José R. **Fonologia do Português**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. **Linguagem e contexto**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAIA, Edson Galvão. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. Manaus: UFAM, 2012. Dissertação de mestrado em Letras – Estudos da Linguagem.

MARCHAL, Alain; REIS César. **Produção da fala**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, Ronald Beline. **Língua e variação**. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, Marita Socorro. **Os começos de Manaus**. In: IGHA – INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus – História e Verdade**. Manaus: Valer/Governo Estadual, 2001.

MORI, Angel Corbera. **Fonologia**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v. 1. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NARO, Anthony Julius. **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de O.; PAIVA, M. da C. **Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais.** In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, Jaime (org.). **Manaus – Uma visão contemporânea.** Manaus: Muiraquitã, 2011.

PINTO, Paulo Silva; OLIVEIRA, Priscila. **Pouco ensino trava o desenvolvimento.** Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/cpmod.php?id=93727>>. Acesso em: 17 de Setembro de 2013.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. **As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM).** Manaus: UFAM, 2012. Dissertação de mestrado em Letras – Estudos da Linguagem.

RAMIREZ, Diego Jiquilin. **A gradiência das fricativas posteriores em línguas em contato: o caso do guarani e do espanhol do Paraguai.** Disponível em: <[http://www.nupffale.ufsc.br/newsounds/Papers/34.Ramirez\\_Diego\\_Jiquilin.pdf](http://www.nupffale.ufsc.br/newsounds/Papers/34.Ramirez_Diego_Jiquilin.pdf)>. Acesso em: 18 de Setembro de 2013. (Publicado nos anais de *New Sounds 2007: Proceedings of the Fifth International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*).

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A propósito da fundação de Manaus.** In: IGHA – INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS. **332 anos de Manaus – História e Verdade.** Manaus: Valer/Governo Estadual, 2001.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes. **A realização variável de fricativas no português brasileiro.** Web-Revista Sociodialeto, v. 2, n. 1, jul/2012. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/12/12092012084232.pdf>>. Acesso em: 07 de Setembro de 2013.

RONCARATI, Cláudia N. **Variação fonológica e morfossintática na fala cearense.** [S.L.:s.n.], 1999. 12 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de fonética e fonologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

STAMPE, David. **A dissertation on Natural Phonology.** Chicago – Illinois: The University of Chicago, 1973.

STEIN, Cirineu Cecote. **Estratégias acústico-articulatórias empregadas por anglofalantes na pronúncia da fricativa glotal no português brasileiro.** Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/5178/3874>>. Acesso em: 18 de Setembro de 2013. [artigo publicado na revista (Con) Textos Linguísticos, v. 5, n. 5, 2011].

SUFRAMA. **Modelo Zona Franca – história**. Disponível em: <<http://www.suframa.gov.br>>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2014.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TRASK, Robert Lawrence Larry. **Dicionário de linguagem e lingüística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VOTRE, Sebastião Josué. **Relevância da variável escolaridade**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002.

## APÊNDICE A - Questionário Fonético-Fonológico (QFF)

**Projeto:** A realização da fricativa glotal na fala manauara

**Orientanda:** Shanay Freire Berçot Rodrigues

**Orientadora:** Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

[f]

01. DIFÍCIL

Qual é o oposto de fácil?

02. AFOGA/AFOGAR

Quando a pessoa cai no meio do rio e não sabe nadar, o que acontece com ela?

03. AFUNDA

No rio, se a pessoa não nadar e não boiar, ela...?

04. AFASTAR

Qual é o oposto de aproximar?

05. DESFAZER

Qual é o oposto de fazer?

[s]

06. MESMO

Se te oferecessem um milhão de reais para dançar a Macarena no meio da rua, você dançava? (espera-se a produção da expressão “dançava mesmo”, em que a palavra “mesmo” é tipicamente usada na região em sinal de afirmação)

### 07. MAIS

Quando uma pessoa pergunta pra outra se está bem e a outra responde assim (fazer gesto de positivo) ela quer dizer que está bem. Quando faz assim (fazer gesto de negativo) ela quer dizer que está mal. E quando ela faz assim (fazer gesto de mais ou menos) o que ela quer dizer?

### 08. DOIS

Em que ano Dilma foi eleita presidenta do Brasil (2010)? / Em que ano o Brasil foi pentacampeão (2002)? / Em que ano nós estamos?

### 09. LESTE

Quais são as zonas de Manaus? / Quais são os pontos cardeais?

### 10. TRÊS

Você pode contar de 1 a 10 por favor? (agora bem rápido)

### 11. SAMBA

Como é que se chamam aquelas escolas que desfilam no carnaval? (Mostrar figura de uma escola de samba)

[v]

### 12. VENDENDO

Se você está longe de alguém e quer saber se a pessoa está conseguindo te ver, o que você pergunta pra ela? Você está me...

### 13. VAI

Como você imagina o mundo daqui a 50 anos? / Como você pede pra alguém ir ao centro da cidade? / Como você manda uma criança ir até o vizinho e dar um recado?

#### 14. VENTILADORES

O que você vê aqui? (mostrar figuras com quatro ventiladores)

#### 15. ESTAVA/TAVA

Você pode contar uma história engraçada que você passou fora de casa?

#### 16. VAMOS

Você está apressado, querendo sair logo e seu(ua) marido/esposa/filho(a) está enrolando pra se arrumar. O que você diz? / Como você chama seus amigos/sua família pra ir ao cinema?

#### 17. CHOVENDO

Em Manaus, ou tá fazendo sol ou tá...?

[z]

#### 18. EXERCÍCIO

Quando a pessoa faz uma atividade física, ela está fazendo um...? / Pra treinar um assunto pra prova a pessoa tem que fazer...?

#### 19. EXÉRCITO

Quais são as três forças armadas (tipos de militares)? (Mostrar fotos de três militares)

#### 20. AZEDO

Como é o sabor do limão?

#### 21. RESIDENCIAL

Uma área com casas noturnas e comércio é considerada comercial. E uma área só com casas, o que é?

## 22. COISA

Quais são os nomes dos quatro heróis do Quarteto Fantástico? (Mostrar foto do quarteto) / O que você está vendo aqui? (Mostrar foto de objeto muito estranho, uma coisa)

## 23. VAZIO

Se um lugar tem um monte de coisas, ele está cheio; e se não tem nada?

[3]

## 24. VEGETAL

Qual a religião que você frequenta? (Para informantes que frequentam a União do Vegetal) / Quais são os três reinos da natureza? Mineral, animal...?

## 25. GENTE

Você pode contar uma história engraçada que aconteceu com você e sua família?

## 26. JEITO

Você faria um daqueles implantes na cabeça para ficar parecendo dois chifres (Mostrar figura)? / O que significa a expressão “nem com nojo”? (Espera-se que o informante use a expressão “de jeito nenhum”)

## 27. AGENDA

Como se chama o livro que se usa pra anotar os compromissos do dia?

## 28. GIRAFA

Quais animais você vê aqui? (mostrar figura com muitos tipos de animais)

## 29. AGITADA

Quando a pessoa tá muito elétrica, ela tá...?

[ ]

### 30. CHÁ

Como se chama a bebida que é feita cozinhando uma planta (de mate, camomila, erva-doce...)?

### 31. CHINELO

Que tipo de sapato são as *havaianas*?

### 32. ACHA

O ditado diz que “quem procura”... ? / Se você perde alguma coisa, alguém vai lá depois e ...?

### 33. CHEFE

Quem é que dá ordens no empregado? (tem outro nome que a gente chama o patrão?)

### 34. CHEGADA

Uma corrida normalmente tem duas partes principais: a partida e...?

### 35. CHICOTE

Qual o nome daquele instrumento comprido usado pra castigar os escravos? / Qual o nome disso na mão do homem? (Mostrar foto de um homem com chicote na mão)

### 36. CHAPÉU

Quais os acessórios que se pode usar na cabeça? / Qual a diferença entre esses dois acessórios? (Mostrar foto de um chapéu e um boné)

## APÊNDICE B - Lista de Frases

**Projeto:** A realização da fricativa glotal na fala manauara

**Orientanda:** Shanay Freire Berçot Rodrigues

**Orientadora:** Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

01. Matemática não é difícil!
02. Cuidado pra num se afogar!
03. Se jogar um tijolo na piscina, ele afunda.
04. É melhor se afastar de más companhias.
05. Não dá pra desfazer o passado.
06. Você sabe mesmo fazer bolo de chocolate?
07. Eu limpei a casa mais ou menos.
08. Eu vou ser astronauta em 2034.
09. Eu tenho um amigo que mora lá na zona leste.
10. Um é pouco, dois é bom, três é demais.
11. Em Manaus nem tem tanto samba, tem mais é boi.
12. Pois é... Tô vendo que ninguém faz nada pra resolver a corrupção.
13. Quando eu vou, ela volta. Quando eu volto, ela vai.
14. Antigamente, num precisava de nada. Hoje em dia nem os ventiladores tão dando conta, tem que ser no ar-condicionado mesmo.
15. Aonde é que você tava até agora, hein?
16. Chovendo tanto assim vamos aproveitar pra ficar em casa dormindo.
17. Pra num ficar sedentário, tem que fazer exercício pelo menos três vezes na semana.
18. Ainda bem que mulher não é obrigada a servir no exército.
19. Ontem eu bebi uma limonada, mas o troço tava tão azedo que eu num aguentei beber tudo.
20. Eu quero é morar em bairro residencial que é mais seguro.

21. Eu faço qualquer coisa pra ver minha família feliz.
22. Às vezes, bate um vazão na gente... Mas é só fome!
23. Existe todo tipo de cor e formato no reino vegetal.
24. Eu passei na Ponta Negra outro dia, mas era tanta gente que fui embora.
25. Quando a pessoa quer mesmo, ela arruma um jeito!
26. Eu guardo os números do povo só na agenda do celular.
27. O animal com o pescoço mais comprido que existe é a girafa.
28. Mulher quando tá de TPM normalmente fica toda agitada.
29. À noite, é bom beber um chá de camomila pra relaxar e dormir.
30. Se entrar no rio de chinelo, a água leva embora.
31. Tem gente que se acha o rei da cocada preta!
32. Eu quero é ser chefe de uma empresa milionária!
33. Quando uma mulher tá grávida, fica todo mundo esperando ansioso a chegada do bebê.
34. Se um escravo desrespeitasse o patrão, era chicote no lombo!
35. Pra se proteger do sol, tem que usar protetor e chapéu.

## APÊNDICE C – Texto para coleta de dados

**Projeto:** A realização da fricativa glotal na fala manauara

**Orientanda:** Shanay Freire Berçot Rodrigues

**Orientadora:** Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

### A história de Zé do Chinelo

Em 1998, nasceu um menino chamado José. A mãe, dona Raimunda, teve um parto muito difícil porque quando ela tava grávida de oito meses e meio, ela foi tomar banho de igarapé na zona leste de Manaus. Só que chegando na beira e pisando com o chinelo em cima de um toco, ela escorrega, cai na água, afunda e quase se afoga! Dona Raimunda foi levada correndo pra casa e em cinco minutos chegou a parteira falando que a criança tinha que sair o mais rápido possível. Mandou trazer os quatro ventiladores da casa, falou que todo mundo tinha que se afastar e pediu pra futura mamãe fazer um exercício de respirar bem fundo durante uns três minutos.

A família toda ficou muito agitada esperando a chegada do bebê e a irmã da parteira fez chá de camomila pro pessoal se acalmar. Tava chovendo muito naquela hora. O pai, todo nervoso, tava espiando pela janela e vendo tudo lá dentro. Passou mais ou menos meia hora até finalmente o José nascer. Quando disseram que nasceu o menino, o avô tirou o chapéu, levantou e falou bem alto: “Meu primeiro netinho nasceu! Cancela todos os compromissos da minha agenda que hoje vai ter festa, né, mulher?”. E a avó respondeu: “Vai ter mesmo! Com certeza que a gente vai ter que comemorar! Essa é a melhor coisa que podia acontecer! Vamos comprar tudo que precisa. Chico, traz tudo que tiver no mercadinho, deixa o balcão vazio. Chama todos os vizinhos, periquito, papagaio, o exército todinho! Vamos, vamos! Hoje vai ter muito boi, forró, samba, e tudo que tem direito!”. E a festa rolou a noite toda e o barulho era tanto que nem parecia bairro residencial.

Passou alguns anos e, em 2004, o José foi pra escola aprender a ler e escrever. O chefe do pai dele colocou o filho na mesma escola e o menino pegou um apelido de Girafa porque tinha o pescoço muito grande. Ele ficou irritado e azedo com aquilo, querendo descontar em alguém. Em 2012, eles entram em outra escola pra fazer o ensino médio. Nesse ano é que o Girafa acha um jeito de se vingar. Quando ficou sabendo da história do nascimento do José, ele saiu espalhando pra escola toda. De repente, todo mundo começou a chamar o José de Zé do Chinelo, porque foi o chinelo que fez a mãe dele escorregar e ele nascer. A raiva do José

era tanta que a vontade dele era de pegar um chicote e dar no Girafa até ele não se aguentar mais em pé. Mas ele teve que aguentar, e ficou guardando aquela raiva dentro dele. Quando ficou adulto, o José conheceu a União do Vegetal e depois de beber o vegetal algumas vezes ele conseguiu desfazer aquele sentimento do coração. Depois disso, ele até que passou a gostar do apelido e hoje, quando alguém pergunta o nome dele, ele respira fundo e diz todo sorridente: “Zé do Chinelo”.

**APÊNDICE D – Transcrições das produções das informantes mulheres com até o ensino fundamental**

FAX1	FAX2	FBX1	FBX2	FCX1	FCX2
[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]
[e`fɔgɐ]	[e`fɔgɐ]	[af ɔ`gada]	[ɛfɔ`gadɐ]	[ɛfɔ`gɛda]	[ɛfɔ`gado]
[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]
[ɛfɛj`ta <sup>h</sup> ]	[ɛfɛj`taɦ]	[ɛfɛj`taɦ]	[ɛfɛj`ta]	[e`fɛjta]	[ɛfɛj`taɦ]
[dʒi`fɛ`ze <sup>h</sup> ]	[dʒi`fɛ`zeh]	[de`fɛ`ze]	[de`fɛ`zeh]	[dʒi`fay]	[dʒi`fays]
[`mezmo]	[`mezmo]	[`mezmo]	[`mezmo]	[`mefmo]	[`mezmo]
[`mayz]	[`mayɦ]	[`mayɦ]	[`mayɦ]	[`mayɦ]	[`mayɦ]
[`doyz]	[`doyɦ]	[`doyz]	[`doyz]	[`doyɦ]	[`doyɦ]
[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]
[`trej]	[`treys]	[`treys]	[`treys]	[`trejɦ]	[`trejɦ]
[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]
[`vêdɔ]	[`vêydo]	[`vê:ɔ]	[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêdɔ]
[`vay]	[`vay]	[`ɦay]	[`ɦay]	[`vay]	[`vay]
[vêʃilɛ`dori]	[vêʃilɛ`doh]	[vêʃilɛ`doriz]	[vêʃilɛ`doriz]	[vêʃilɛ`doh]	[vêʃilɛ`do]
[`tavɐ]	[`taɦɐ]	[`tavɐ]	[`taɦɐ]	[`taɦɐ]	[`taɦɐ]
[`vãmo]	[`vãmos]	[`vãmo]	[`vãmoz]	[`vãmoiz]	[`vãmoz]
[`juvɐ]	[`juvɐ]	[ʃu`vêdɔ]	[`juvɐ]	[ʃu`vêndɔ]	[ʃovis`kãdɔ]
[eze`sisiu]	[ezeɦ`sisiu]	[eze <sup>h</sup> `sisiu]	[eze`sisiu]	[ezɛ`sisiu]	[ezɛɦ`sisiu]
[ɛ`zɛsɪtɔ]	[e`zɛhsɪtɔ]	[ɛ`zɛsɪtɔ]	[ɛ`zɛsɔ]	[i`zɛsɪtɔ]	[e`zɛhsɪtɔ]
[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]
[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]
[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]
[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]
[veze`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[veze`taw]
[`zɛʃi]	[`zɛyʃi]	[e`ɦɛʃi]	[e`ɦɛʃi]	[`ɦɛʃi]	[a`ɦɛʃi]
[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[zey`ʃiɔ]
[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[ <sup>h</sup> e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]
[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]
[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]
[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]
[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]
[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]
[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]
[ʃe`gadɐ]	[ʃe`gadɐ]	[ʃe`gadɐ]	[ʃe`gadɐ]	[ʃe`gadɐ]	[ʃe`gadɐ]
[ʃi`kɔʃi]	[ʃi`kɔʃi]	[ʃi`kɔʃi]	[ʃi`kɔʃi]	[ʃi`kɔʃi]	[ʃi`kɔʃi]
[ʃe`pɛw]	[ʃe`pɛw]	[ʃe`pɛw]	[ʃe`pɛw]	[ʃe`pɛw]	[ʃe`pɛw]

**APÊNDICE E – Transcrições das produções das informantes mulheres com ensino superior**

FAY1	FAY2	FBY1	FBY2	FCY1	FCY2
[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]
[e`fɔgɐ]	[e`fɔgɐ]	[e`fɔgɐ]	[efo`gah]	[e`fɔgɐ]	[efo`gadɐ]
[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]
[ɛfɛj`taɦ]	[ɛfɛj`ta:]	[ɛfɛj`taɦ]	[ɛfɛj`taɦ]	[ɛfɛj`taɦ]	[ɛfɛj`taɦ]
[dʒi`fɛ`ze]	[dʒi`fɛ`zeh]	[dʒɛ`fɛ`zeh]	[desfɛ`ze]	[dʒi`fay]	[dʒi`fays]
[`mezmo]	[`mezmo]	[`mefmo]	[`mefmo]	[`mezmo]	[`mezmo]
[`mayɦ]	[`mayɦ]	[`maɦ]	[`mayɦ]	[`mayz]	[`mayɦ]
[`doyz]	[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]
[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]	[`lɛɦʃi]
[`trej]	[`trej]	[`treys]	[`treys]	[`trej]	[`trej]
[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]
[`vêdo]	[`vêno]	[`vêdo]	[`vêdo]	[`vêdo]	[`vêdo]
[`vay]	[`vay]	[`vay]	[`ɦay]	[`vay]	[`vay]
[vêɦilɛ`doris]	[vêɦilɛ`dori]	[vêɦilɛ`dori]	[vêɦilɛ`dori]	[vêɦilɛ`doris]	[vêɦilɛ`doris]
[`taɦɐ]	[`taɦɐ]	[`tavɐ]	[`taɦɐ]	[`tavɐ]	[`tavɐ]
[`vãmo]	[`vãmoz]	[`vãmo]	[`vãmoz]	[`vãmoz]	[`vãmo]
[fo`vêno]	[fo`vêdo]	[fo`vêdo]	[fo`vêdo]	[fo`vêdo]	[fuve]
[eze`sisio]	[eze`sisio]	[ezeh`sisio]	[ezeh`sisio]	[ezeh`sisio]	[ezeh`sisio]
[ɛ`zɛsio]	[e`zɛ <sup>h</sup> sio]	[e`zɛsio]	[ɛ`zɛhsio]	[ɛ`zɛhsio]	[e`zɛsio]
[e`zedo]	[e`ze:do]	[e`zedo]	[e`zedo]	[e`zedo]	[e`zedo]
[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]
[`koyzɐ]	[`kofɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]
[vɛ`zio]	[vɛ`zio]	[vɛ`zio]	[vɛ`zio]	[vɛ`zio]	[vɛ`zio]
[vɛɦɛ`taw]	[veʒɛ`taw]	[veʒɛ`taw]	[vɛʒɛ`taw]	[vɛʒɛ`taw]	[vɛʒi`taw]
[`ɦɛɦʃi]	[e <sup>h</sup> `ɛɦʃi]	[`zɛɦʃi]	[e`ɦɛɦʃi]	[`ɦɛɦʃi]	[`zɛɦʃi]
[`zeyto]	[`zeyto]	[`zeyto]	[`zeyto]	[`zeyto]	[`zeyto]
[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]	[e`zɛdɐ]
[zi`rafe]	[zi`rafe]	[zi`rafe]	[zi`rafe]	[zi`rafe]	[zi`rafe]
[ɛʒi`tadɐ]	[ɛʒi`tadɐ]	[ɛʒi`tadɐ]	[ɛʒi`tadɐ]	[ɛʒi`tadɐ]	[ɛʒi`tadɐ]
[`fa]	[`fa]	[`fa]	[`fa]	[`fa]	[`fa]
[fi`nɛlo]	[fi`nɛlo]	[fi`nɛlo]	[fi`nɛlo]	[fi`nɛlo]	[fi`nɛlo]
[`afɐ]	[`afɐ]	[`afɐ]	[`afɐ]	[`afɐ]	[`afɐ]
[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]
[fɛ`gadɐ]	[fɛ`gadɐ]	[fɛ`gadɐ]	[fɛ`gadɐ]	[fɛ`gadɐ]	[fɛ`gadɐ]
[fi`kɔɦʃi]	[fi`kɔɦʃi]	[fi`kɔɦʃi]	[fi`kɔɦʃi]	[fi`kɔɦʃi]	[fi`kɔɦʃi]
[fɛ`pɛw]	[fɛ`pɛw]	[fɛ`pɛw]	[fɛ`pɛw]	[fɛ`pɛw]	[fɛ`pɛw]

**APÊNDICE F – Transcrições das produções dos informantes homens com até o ensino fundamental**

MAX1	MAX2	MBX1	MBX2	MCX1	MCX2
[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]
[e`fɔgɐ]	[e`fɔgɐ]	[e`fɔgɐ]	[e`fɔgɐ]	[eɸɔ`gadɐ]	[eɸo`ga]
[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]	[e`fũdɐ]
[fɛʃ`taɦ]	[e`faʃtɐ]	[eɸɛʃ`ta]	[eɸɛʃ`taɦ]	[eɸɛʃ`tahi]	[e`faʃtɐ]
[dʒi`fɛ`zeh]	[deʃ`fɛyʃ]	[dʒi`fɛ`ze]	[dʒi`fɛyʒ]	[dʒi`fɛ`zeh]	[dʒi`fɛyʃ]
[`mɛɦmɔ]	[`mɛɦmɔ]	[`mɛɦmɐ]	[`mɛzɔ]	[`mɛɦmɔ]	[`mɛɦmɔ]
[`maɦ]	[`mayɦ]	[`mayɦ]	[`mayz]	[`mayɦ]	[`mayɦ]
[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyɦ]
[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]
[`trejʃ]	[`trejʃ]	[`trejʃ]	[`trejʃ]	[`trejʃ]	[`trejʃ]
[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]
[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêno]	[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêno]
[`ɦay]	[`vay]	[`vay]	[`vay]	[`vay]	[`ɦay]
[vɛɦjɪlɛ`doɦ]	[vɛɦjɪlɛ`do]	[vɛɦjɪlɛ`doriɦ]	[vɛɦjɪlɛ`doriz]	[vɛɦjɪlɛ`doriɦ]	[vɛɦjɪlɛ`do]
[`taɦɐ]	[`taɦɐ]	[`tavɐ]	[`tavɐ]	[`taɦɐ]	[`taɦɐ]
[`vãɔ]	[`vãɔ]	[`vãɔz]	[`vãɔʃ]	[`vãɔ]	[`vãɔz]
[ʃɔ`vêdɔ]	[ʃɔ`vêdɔ]	[ʃɔ`vêno]	[ʃɔ`vêdɔ]	[ʃɔ`vêdɔ]	[ʃɔ`va]
[eze`sisiu]	[izeɦ`sisiu]	[ezɛ`sisiu]	[ezeɦ`sisiu]	[ezeɦ`sisiu]	[ezeɦ`sisiu]
[ɛ`zɛsɪtɔ]	[ɛ`zɛsɪtɔ]	[ɛ`zɛsɪtɔ]	[ɛ`zɛɦsɪtɔ]	[i`zɛsɪtɔ]	[i`zɛɦsɪtɔ]
[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]	[e`zedɔ]
[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]	[ɦezidɛsi`aw]
[`koyɦɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyɦɐ]
[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]
[veɦɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛɦɛ`taw]
[e`ɦɛɦjɪ]	[e`ɦɛɦjɪ]	[e`zɛɦjɪ]	[e`ɦɛɦjɪ]	[e`ɦɛɦjɪ]	[e`ɦɛɦjɪ]
[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]	[`zeytɔ]
[e`zêdɐ]	[e`zêdɐ]	[e`zêdɐ]	[e`zêdɐ]	[e`zêdɐ]	[e`zêdɐ]
[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]
[zi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]
[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]
[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]	[ʃi`nɛlɔ]
[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]	[`aʃɐ]
[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]	[`ʃɛfi]
[ʃɛ`gadɐ]	[ʃɛ`gadɐ]	[ʃɛ`gadɐ]	[ʃɛ`gadɐ]	[ʃɛ`gadɐ]	[ʃɛ`gadɐ]
[ʃi`kɔɦjɪ]	[ʃi`kɔɦjɪ]	[ʃi`kɔɦjɪ]	[ʃi`kɔɦjɪ]	[ʃi`kɔɦjɪ]	[ʃi`kɔɦjɪ]
[ʃɛ`pɛw]	[ʃɛ`pɛw]	[ʃɛ`pɛw]	[ʃɛ`pɛw]	[ʃɛ`pɛw]	[ʃɛ`pɛw]

**APÊNDICE G – Transcrições das produções dos informantes homens com ensino superior**

MAY1	MAY2	MBY1	MBY2	MCY1	MCY2
[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]	[dʒi`fisiu]
[vɔgɐ`mêtu]	[v`fɔgɐ]	[v`fɔgɐ]	[v`fɔgɐ]	[v`fɔgɐsi]	[vɔ`ga]
[v`fũdɐ]	[v`fũdɐ]	[v`fũdɐ]	[v`fũdɐ]	[v`fũdɐ]	[v`fũdɐ]
[vɛɛj`taɦ]	[vɛɛj`taɦ]	[vɛɛj`taɦ]	[vɛɛj`taɦ]	[vɛɛj`taɦ]	[vɛɛj`taɦ]
[dejʃɐ`zeh]	[dejʃɐ`zeh]	[des`fɛzeh]	[dʒis`fays]	[dej`fɛys]	[dʒiʃɐ`ze]
[`mɛɦmɔ]	[`mɛɦmɔ]	[`mɛzɔ]	[`mɛzɔ]	[`mɛzɔ]	[`mɛɦmɔ]
[`mayɦ]	[`mayɦ]	[`mayz]	[`mayɦ]	[`mayz]	[`mayɦ]
[`doyɦ]	[`doyɦ]	[`doyz]	[`doyz]	[`doyz]	[`doyɦ]
[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛ <sup>h</sup> ɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]	[`lɛɦɦjɪ]
[`trejɦ]	[`trejɦ]	[`treys]	[`trejɦ]	[`treys]	[`trejɦ]
[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]	[`sãbɐ]
[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêdɔ]	[`vêno]
[`vay]	[`vay]	[`vay]	[`vay]	[`vay]	[`ɦay]
[vɛɦjɪlɐ`doriɦ]	[vɛɦjɪlɐ`doris]	[vɛɦjɪlɐ`doris]	[vɛɦjɪlɐ`doris]	[vɛɦjɪlɐ`doh]	[vɛɦjɪlɐ`do]
[`taɦɐ]	[`taɦɐ]	[`tavɐ]	[`taɦɐ]	[jɪ`tavɐ]	[`taɦɐ]
[`vãɔ]	[`vãɔz]	[vã`bɔmɐ]	[`vãɔs]	[`vãɔɦ]	[`vãɔɦ]
[`juvɐ]	[jɔ`vêdɔ]	[jɔ`vêdɔ]	[jɔ`vêdɔ]	[jɔ`vêdɔ]	[jɔ`vêno]
[ezɛɦ`sisɪu]	[ezɛ`sisɪu]	[ezɛɦ`sisɪu]	[ezɛɦ`sisɪu]	[ezɛ`sisɪu]	[ezɛ`sisɪu]
[e`zɛɦsɪtu]	[ɛ`zɛɦsɪtu]	[ɛ`zɛ <sup>h</sup> sɪtu]	[ɛ`zɛ <sup>h</sup> sɪtu]	[e`zɛɦsɪtu]	[ɛ`zɛsɪtu]
[v`zedɔ]	[v`zedɔ]	[v`zedɔ]	[v`zedɔ]	[v`zedɔ]	[v`zedɔ]
[ɦɛzidɛsi`aw]	[ɦɛzidɛsi`aw]	[ɦɛzidɛsi`aw]	[ɦɛzidɛsi`aw]	[ɦɛzidɛsi`aw]	[ɦɛzi`dɛsiɐ]
[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyzɐ]	[`koyɦɐ]
[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]	[vɛ`ziɔ]
[vɛzɛ`taw]	[vɛɦɐ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]	[vɛzɛ`taw]
[a`ɦɛɦjɪ]	[`zɛɦjɪ]	[v`ɛɦjɪ]	[v`ɦɛɦjɪ]	[v`ɦɛɦjɪ]	[v`ɦɛɦjɪ]
[`zɛyɔ]	[`zɛyɔ]	[`zɛyɔ]	[`zɛyɔ]	[`zɛyɔ]	[`zɛyɔ]
[v`zɛdɐ]	[v`zɛdɐ]	[v`zɛdɐ]	[v`zɛdɐ]	[v`zɛdɐ]	[v`zɛdɐ]
[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]	[zi`rafɐ]
[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɔ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]	[ɛzi`tadɐ]
[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]	[`ʃa]
[jɪ`nɛlɔ]	[jɪ`nɛlɔ]	[jɪ`nɛlɔ]	[jɪ`nɛlɔ]	[jɪ`nɛlɔ]	[jɪ`nɛlɔ]
[`aɦɐ]	[`aɦɐ]	[`aɦɐ]	[`aɦɐ]	[`aɦɐ]	[`aɦɐ]
[`jɛɦjɪ]	[`jɛɦjɪ]	[`jɛɦjɪ]	[`jɛɦjɪ]	[`jɛɦjɪ]	[`jɛɦjɪ]
[jɛ`gadɐ]	[jɛ`gadɐ]	[jɛ`gadɐ]	[jɛ`gadɐ]	[jɛ`gadɐ]	[jɛ`gadɐ]
[jɪ`kɔɦjɪ]	[jɪ`kɔɦjɪ]	[jɪ`kɔɦjɪ]	[jɪ`kɔɦjɪ]	[jɪ`kɔɦjɪ]	[jɪ`kɔɦjɪ]
[jɛ`pɛw]	[jɛ`pɛw]	[jɛ`pɛw]	[jɛ`pɛw]	[jɛ`pɛw]	[jɛ`pɛw]

**APÊNDICE H – Transcrições das palavras extras**

Informante	Produção	Palavras extras
FAX1	[ˈmaɦ] [ˈuɦ] [ˈeliɦ] [ˈayɦ] [ˈfayɦ]	mas os eles as faz
FAX2	[ˈvariɦ] [ˈdeyhðs] [ˈɦa] [ˈdewɦ] [ˈũmeyɦ] [ɔˈɛɦʃi]	várias desde as já Deus umas oeste
FBX2	[ɐpohˈʃilɛz] [iˈvehˈʃi] [deˈpoyɦ] [tawˈveyɦ] [ˈɦa] [kõdiˈsõyɦ] [ˈfiɦ] [ˈveɦ] [ɔˈɛɦʃi]	apostilas investir depois talvez já condições fiz vez oeste
FCX1	[doˈmɛɦʃikɐ] [ˈnɔyɦ] [ˈɦa] [ˈdɛwteɦ] [ˈmewɦ] [ˈfomuɦ] [ˈdɛɦ] [ˈdʒieɦ] [ˈumaɦ] [viɐˈɦa] [ˈaiɦ] [deˈpoyɦ] [ˈkaɦɐ]	doméstica nós já deltas meus fomos dez dias umas viajar as depois causa
FCX2	[ɐˈtrayɦ] [deˈpoyɦ] [iʃˈtɔrieɦ] [ʃiˈraɦɐ] [ˈdewɦ] [ˈtrayɦ] [ˈɦa] [ˈdayɦ] [ɔˈɛɦʃi] [ɐlɐˈgoeyɦ] [kɛɦˈʃiɡɔ] [ˈkaɦɐ]	atrás depois histórias tirava Deus traz já das oeste Alagoas castigo casa
FAY1	[deˈpoyɦ] [ˈtrayɦ]	depois trás
FAY2	[ˈdewɦ] [deˈpoyɦ] [fiˈkaɦɐ] [ˈkawɦɐ]	Deus depois ficava causa

FBY1	[difi`gari] [mo`rafa] [trebe`lafhe] [`noyfi] [pe`soffi]	desligarem morava trabalhava nós pessoas
FBY2	[fi`kafhe] [`dewfi] [`dafhe]	ficava Deus dava
FCY1	[`kafhe] [O`Ehfi] [vow`tafa] [`vezifi] [`plahfikou] [`dayfi] [mo`rafa] [`payfi]	causa oeste voltava vezes plástico das morava pais
FCY2	[nE`gOho] [O`Ehfi]	negócio oeste
MAX1	[E`lahfikou] [O`Ehfi] [kuy`dafhe]	elástico oeste cuidava
MAX2	[izbura`kadeyfi] [ma`nawfi] [pe`soayfi] [kri`aseyfi] [`dewfi] [ifelif`mefi] [nE`gOho] [O`Ehfi]	esburacadas Manaus pessoas crianças Deus infelizmente negócio oeste
MBX1	[he`payfi] [vi`zoifhi]	rapaz visões
MBX2	[to`mahhe]	tomava
MCX1	[`deyfi] [de`poyfi] [presi`zafhe] [`duafi] [`kifi] [mO`rafhe] [ke`suleyfi]	dez depois precisava duas quis morava caçulas
MCX2	[siflif`mefi] [pe`soayfi] [`dewfi] [zu`ifi] [mO`rafhe] [`uyfi] [trebe`lafhe] [`hi] [O`Ehfi] [`fia] [`fayfi] [`numerufi] [`hiefi] [de`poyfi] [me`kOrifi]	simplesmente pessoas Deus juiz morava os trabalhava vi oeste já faz números vem depois melhores

	[presì`zafɐ] [ˈtrayfɨ]	previsava traz
MAY1	[ˈotrayfɨ] [ĩmɛzi`nafɐ] [ˈayfɨ] [v`kɛlɛyɨ] [pe`sɔvyɨ] [ˈʒõnɛfɨ]	outras imaginava as aquelas pessoas Jonas
MAY2	[ˈɛlɛtroð`mɛhʃikoz] [ˈkõʃtro`sõyɨ] [hɛ`payfɨ] [de`poyfɨ] [ˈfia] [ˈnesifɨ] [ˈdewfɨ] [ˈelifɨ]	eletrodomésticos construções rapaz depois já nesses Deus eles
MBY2	[ɛ`lahʃiko] [ˈfia]	elástico já
MCY2	[ho`ga] [de`poyfɨ] [ˈũmayfɨ] [noh`dɛhʃi] [ɔ`ɛhʃi] [fɛ`lafɐ] [ˈnoyɨ] [ˈayfɨ] [ˈdɛyɨ] [ˈkafɐ] [ˈdewfɨ]	jogar depois umas nordeste oeste falava nós as dez casa Deus

### ANEXO A – Ficha do Informante

Código: .....

Nome: .....

Gênero (sexo): ..... Faixa Etária: ..... Idade: .....

Local de Nascimento: .....

Estado Civil: .....

Escolaridade: .....

Morou sempre no local? ( ) Sim ( ) Não Onde? .....

Quanto tempo? .....

Outros domicílios: .....

Profissão: .....

Outras Atividades: .....

Aparelho Fonador: ( ) Bom ( ) Com problemas Qual? .....

Características Psicológicas: ( ) Nervoso ( ) Tranquilo ( ) Espontâneo

Naturalidade da Mãe: .....

Naturalidade do Pai: .....

Naturalidade do Cônjuge: .....

Dispensado do serviço militar? ( ) Sim ( ) Não Onde serviu? .....

Viagens: ( ) No Amazonas ( ) Outros estados

Quais municípios do Amazonas conhece? .....

Quais outros estados/países conhece? .....

## ANEXO B – Termo de Autorização



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidar o(a) Sr(a) a participar do meu Projeto de Pesquisa. Este projeto está sendo realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pretende investigar o modo como se fala algumas palavras aqui em Manaus. Eu me chamo Shanay Freire Berçot Rodrigues e sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e por isso peço sua autorização para lhe entrevistar e gravar nossa entrevista. O Sr(a) foi escolhido(a) porque mora aqui na capital e se encaixa nos critérios pré-estabelecidos no projeto.

Se autorizar esta entrevista, a gravação será utilizada apenas para análise do fenômeno investigado. Se depois de autorizar a entrevista, o Sr(a) não quiser que sua gravação seja usada, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da gravação, independente do motivo e sem prejuízo do atendimento que está recebendo. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não ganhará nada. A sua participação é importante para conhecermos melhor o falar da cidade de Manaus.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em segredo para sempre. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato comigo pelos telefones (92) 8112-3075 ou (92) 3656-5620 ou pelo e-mail: shanay\_shanay@hotmail.com. Pode também contactar o Programa de Pós-Graduação em Letras, na UFAM, ou pelos telefones (92) 3305-4588 ou (92) 9271-8701.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisadora e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

\_\_\_\_\_/ \_\_\_\_-\_\_\_\_-\_\_\_\_  
Assinatura do participante/ Data

\_\_\_\_\_/ \_\_\_\_-\_\_\_\_-\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável/ Data

Impressão do dedo polegar caso não saiba assinar

